

Capítulo 1

Introdução

“As pessoas não sabem, em geral, quanto esforço e tempo se requer para aprender a ler e a tirar proveito do que se leu; por isso necessitei eu de oitenta anos.” *Goethe*

Actualmente, as Comunidades de Leitores parecem estar na moda, ou seja vão ganhando novos estatutos, diferentes de há alguns anos a esta parte.

De facto, as comunidades leitoras surgem de forma organizada e pensada, pela orientação de um grupo de pessoas interessadas no aprofundamento de temas literários, havendo em comum o desejo de partilhar conhecimentos e experiências em literatura. O gosto, a vontade de ler, a motivação e interesse pelo tema são requisitos elementares para integrar uma comunidade leitora. Alheada de qualquer constrangimento físico, económico ou social acolhe a palavra e o livro, por excelência, fazendo deles arautos da cultura. O surgimento das comunidades advém de uma aproximação real entre os leitores e os livros, na medida em que os cidadãos se tornam mais empenhados, activos e comprometidos em aprofundar textos e leituras promovendo, em consequência, o diálogo e a partilha entre os membros participantes. Norteadas por um trabalho em equipa consistente, as comunidades leitoras funcionam em interacção e partilha de leituras, conhecimentos e aceções em torno do livro. Naturalmente que se proporcionam discussões salutareas, onde há, ou não consenso entre participantes e moderadores. Os intervenientes assumem frequentemente uma espontaneidade de comunicação e abertura de espírito benéfica para a partilha de conteúdos relevantes, dos textos em análise. Demais atributos como compromisso, cooperação, motivação, empenho, dinamismo, energia, entre muitos outros são conducentes à aprendizagem, em todas as perspectivas, pois há sempre ensinamentos e pontos de vista que, revistos de ângulos divergentes, iluminam os sujeitos em reflexão. Nesta perspectiva, proporciona-se um enriquecimento pessoal fantástico, pela partilha e pela recepção de conhecimentos.

As comunidades leitoras constituem-se por pessoas com interesses comuns, solidificando-se relações de amizade, de cooperação e partilha de leituras e interpretações. As formas de

implementação variam de acordo com as estratégias melhor encontradas pelos núcleos de trabalho.

Neste trabalho pretende-se, com a implementação das *Comunidades Leitoras em Terras de Lafões* incrementar encontros de leitura e partilha. Ora, esta região é conhecida pela qualidade das suas águas naturais termais que têm levado além-fronteiras o nome de São Pedro do Sul, não obstante muitos outros elementos de riqueza patrimonial, paisagística, gastronómica mas também cultural e literária que podem continuar a contribuir para esse crescendo de popularidade.

Na senda da constituição da comunidade leitora referida, torna-se fundamental definir objectivos e, sempre que pertinente, estes poderão ser redefinidos, como, aliás, em qualquer projecto a desenvolver. Sem objectivos rigorosos e pragmáticos, o desempenho subsequente poderá ser dúbio, sendo imprescindível renovar e actualizá-los, para que se cumpram os propósitos definidos e se atinjam as meta pretendidas. Por conseguinte, há que estabelecer um fio condutor, em todo o processo, independentemente dos imprevistos de contingência que possam eventualmente surgir. Em suma, o importante será manter um rumo de orientação.

São, indiscutivelmente, muitos os objectivos subjacentes às comunidades leitoras: todos os participantes terão fundamentalmente que saber ouvir; contribuir para a partilha em grupo de opiniões; respeitar os diferentes pontos de vista, sobretudo quando diferentes do próprio; estimular e encorajar opiniões; procurar o consenso em detrimento de conflitos; cooperar de forma activa na interpretação dos textos, nos seus significados e na relação com os leitores, entre outros.

A reforçar estes objectivos e segundo Fanny Abramovich (2004:143-145):

(...) é importante que se estabeleça uma ligação significativa entre o leitor e o texto em interpretação. Refere a este propósito, ao leitor que devem ser dadas oportunidades de: Expressar as emoções e as sensações que a leitura lhe proporcionou; Os eventuais horizontes, que a leitura de determinado texto, lhe permitir abrir, Ou pelo contrário as portas que se fecharam com a análise de determinado texto; Se há criatividade ou não na forma com que o tema foi abordado; Bem ainda como as relações intertextuais que o texto permitiu estabelecer.

As comunidades de leitores são, por princípio, círculos de convivência literária entre cidadãos com gostos tão particulares de especificidade circunstancial em que a adrenalina para a partilha com os demais lhes cresce em benéfica pressão, fruto de inúmeras e fantásticas viagens literárias.

No enquadramento físico e temporal, podem surgir relações que se proporcionam com determinadas épocas do ano, assim como apresentação ou estímulo para obras que se adequam à época. É nossa convicção de que devemos procurar encontrar essas relações, nem sempre lineares, mas, que após encontradas, só poderão contribuir para crescentes factores de motivação e interesse para a participação nas comunidades leitoras.

As comunidades leitoras devem ser desenvolvidas em espaços de cultura e lazer aprazíveis e de bom acolhimento, sendo os ambientes de leitura envoltos em calor humano, entre espaços relativamente pequenos, em baixas mesas, com volumosos pufs e sofás confortáveis, dispostos de forma, a que todos se possam olhar de frente. De preferência, deve haver um piano na sala para que se possam intercalar as palavras com alguma musicalidade, crescendo o ar de festa que é ler, ler em grupo, ler em silêncio, porque cantar e tocar enriquece o ambiente, aquece as almas, desperta corações e estimula palmas. Acresce, assim, naturalmente, o prazer que a leitura proporciona, bem como a fruição cultural.

Não há épocas do ano, nem alturas específicas, para ler, ou partilhar leituras. A leitura é transversal e intemporal, pois qualquer mês é bom para ler, assim como qualquer dia, devendo o leitor encontrar o seu melhor momento, disposição e hora para a leitura, sem constrangimentos ou imposições. O momento da leitura pessoal advém, naturalmente, quando os leitores a isso se dispõem e pode, simplesmente, nem acontecer, por força de circunstâncias pessoais adversas. Surge quando a pessoa sentir vontade. O importante é estar desperto, ter os livros na cabeceira ou espalhados na sala, na cozinha ou qualquer outro espaço. Mas estão lá, bem à vista, podendo neles tropeçar-se se não houver o devido cuidado, já que estão como vivos à espera de serem abertos, desfolhados e devorados pelos coabitantes da casa.

Assim, como não há imposição temporal para a reunião das comunidades leitoras, haverá, naturalmente, um consenso entre os participantes de modo a, entre todos, escolherem o *timing* mais conveniente. Inseridas em festas, feiras, eventos temáticos, ou não, as comunidades leitoras devem sentir-se abertas e proactivas num circuito de acção cultural que se pretende dinâmico, empenhado, ágil, enriquecedor, em que todos e cada um, em particular se sintam acolhidos no meio.

Nas comunidades de leituras todos os temas podem ser abordados. Haja criatividade e as palavras despoletarão a linguagem que a comunicação exige. Cabem, neste formato, a

memória e as tradições orais, ou a literatura popular, mas também o mito, a filosofia, a poesia ou a narrativa até às mais modernas formas digitais de trabalhar os textos.

Importa empreender um esforço organizativo, no sentido de orientar as comunidades leitoras para os grupos com interesses sociais e colectivos semelhantes. Preparar sessões com moderadores de referência, clarificando, objectivamente, os temas a tratar de forma a sensibilizar o público-alvo pretendido. Dos programas devem constar factores inovadores para suscitar um aumento relevante de participações, garantindo a qualidade e interesse das acções. Nesta linha de pensamento refere Fernando Azevedo (2007:XIII):

(...) a leitura é explicitamente assumida, pelos diversos documentos programáticos que orientam a formação dos profissionais que trabalharão com crianças, como actividades a desenvolver, por forma a garantir a constituição e consolidação de hábitos que possibilitem não apenas uma construção pessoal do saber, mas a capacidade de uma formação autónoma e recorrente ao longo de toda a vida.

Constitui um dado importante a situação sócio demográfica que o país vivenciou na transição do último século. Senão vejamos como a estrutura etária da população portuguesa tem evoluído. Nas últimas décadas, tem aumentado a percentagem de idosos, verificando-se em simultâneo uma diminuição da percentagem de jovens. Assim, o crescente envelhecimento demográfico tem sido uma preocupante realidade. Registou-se em 2001 que a população nacional residente apresentava uma estrutura envelhecida, verificando-se que a percentagem de idosos passou a ser superior à percentagem de jovens.

Quanto à população activa¹, entre os anos 1995 e 2001 constatou-se que abrandou a tendência de crescimento, sendo que a mesma se justifica pelo aumento do período de escolaridade e também devido ao envelhecimento da população. Relativamente à distribuição da população pelos sectores de actividade económica, os estudos revelam que em meados do século XX quase metade da população trabalhava no sector primário, tal facto manifesta bem o fraco desenvolvimento económico nacional, éramos de facto um país rural. Situação que se foi alterando, pelo que, nos finais do século, o sector primário regista acentuado decréscimo, passando o sector secundário a um decréscimo moderado e o sector terciário regista um aumento progressivo. Mais se regista ao nível da distribuição regional dos trabalhadores no activo, em que nas zonas rurais do interior e zonas de industrialização reduzidas, se situam os grupos profissionais com poucas qualificações.

¹ A População: evolução e diferenças regionais <http://geo.sapo.pt>

Já nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e cidades de dimensão média, estão os grupos profissionais mais qualificados e mais valorizados socialmente. Lisboa está já qualificada ao nível das grandes cidades europeias, porquanto a população activa no sector terciário é muito elevada. Portugal, embora tenha feito um esforço acrescido, nas últimas décadas, quanto a investimentos na educação e formação, a realidade é que continua a ser o país da União Europeia com mão-de-obra mais desqualificada. A taxa de analfabetismo é ainda muito elevada, assim como a percentagem da população activa, com menos de nove anos de escolaridade e pouco mais de dez por cento tem qualificação de nível superior.

Vários motivos contribuíram para o registo destas percentagens nomeadamente, a demorada expansão do ensino obrigatório, a desvalorização da importância da escola no contexto económico, o abandono precoce da escola e por fim o contexto social e cultural pouco exigente ao nível das competências individuais.

No desenvolvimento do presente trabalho iremos abordar como se pode promover a leitura nos mais variados ambientes. Veremos diferentes conceitos de leitura e a importância que esta assume no desenvolvimento educacional e no crescimento e formação do ser humano. Abordaremos a forte evolução do mundo da literacia e de que forma as práticas de leitura serão pilares basilares para o enriquecimento intelectual dos alunos. Na perfeita simbiose entre livro e leitura ou leitura e livro, o protagonista leitor será sempre privilegiado pela obra que exhibe ao momento. Nas imensas bibliotecas modernas e culturalmente activas que hoje estão em pleno funcionamento, um pouco por todo o país, podemos disfrutar, individualmente ou em grupo, de extraordinários momentos que nos elevam em emoções e sentimentos que se experimentam e partilham. É de louvar o enorme esforço dos colaboradores ao serviço destas instituições pois que transmitem, na generalidade, muito empenho, numa entrega de competências ao serviço dos utilizadores. Analisaremos a estrutura da sociedade actual que vive colada às novas tecnologias da informação e do conhecimento, em que todos nos sentimos totalmente alienados sendo crescente esta ligação que nos permite aceder a tudo quanto precisamos de forma rápida e eficaz.

Como o tema central retrata a Comunidade Leitora em Terras de Lafões, analisaremos o quanto é imprescindível formar leitores competentes. Terminaremos com uma proposta de sessões práticas para a aplicabilidade das exposições apresentadas. Pretendemos chegar a todos os públicos e idades, do concelho de São Pedro do Sul, em particular e na região de Lafões, em geral, para que todos se sintam convidados a participar entusiasticamente.

Capítulo 2

Promoção da Leitura no Mundo da Literacia e Mediadores de Leitura

“Se ler é aprender, então ler é pensar.” *Adler*

2.1 - Actos e Práticas de Leitura. O Livro e a Leitura

A leitura é, sem margem para qualquer dúvida, o grande pilar de todo o saber. Contudo, devido à enorme quantidade de teorias e temas relativos ao processo de ler e da natureza provisória dos conhecimentos daí decorrentes, Sardinha (2005) na sua tese de doutoramento apresentou uma certa polivalência entre o que é ler e a leitura, entre o conceito de leitura e o acto de ler. Ainda segundo a autora o sujeito leitor está condicionado pelos diferentes tipos de texto em análise, já que diferentes tipos de textos requerem processos e estratégias diferentes.

A leitura exige uma actividade contínua e frequente ao longo da vida, não se esgota na aprendizagem escolar inicial. A corroborar esta afirmação (Sim-Sim, Duarte & Ferraz, 1997:27, cit. Sardinha, 2005):

Ao contrário da compreensão oral, a leitura não é nem uma actividade natural, nem de aquisição espontânea e universal. O seu domínio, exige um ensino directo que não se esgota na aprendizagem, ainda que imprescindível, da tradução da letra-som, mas que se prolonga e aprofunda ao longo da vida do sujeito.

Destarte, a aprendizagem da leitura tem uma evolução gradual e natural desde as primeiras aquisições escolares, inerentes à escola, passando por inúmeros outros contextos de vida paralelos ao desenvolvimento intelectual do ser humano. Pela via dos processos psicológicos influentes na leitura diz Sardinha (2005) ainda não estarem completamente esclarecidos, pois apresentam uma grande complexidade. Considerando a análise do texto, a complexidade é tanto maior quanto o texto em si, já que, o que lemos tem uma relação directa com a forma como lemos, isto é estruturas textuais diferentes exigem posturas distintas na interacção que se pretende entre o texto e o leitor. Assim, o processo de leitura está ainda distante de

respostas lineares e completamente definidas. Na senda de obter as desejadas respostas, definiram-se algumas áreas do cérebro responsáveis por este processo. No entanto, sabemos que muitos passos há a seguir nesta matéria.

São vários os investigadores, que têm actualmente, demonstrado que ler é mais do que a simples descodificação de textos. Será melhor leitor aquele que conseguir fazer da leitura o seu projecto de vida (Sardinha, 2007). Nesta linha de pensamento, vejamos como (Manguel, 1998:50, cit. Sardinha, 2005) caracteriza o processo de leitura:

Não aprendo meramente as letras, os espaços em branco das palavras que constituem um texto. A fim de extrair uma mensagem desse sistema de signos pretos e brancos, aprendo em primeiro lugar o sistema de uma maneira aparentemente errática, através de olhares inconstantes, e, em seguida, reconstruo o código de signos por intermédio de uma cadeia de neurónios, - uma cadeia que varia de acordo com a natureza do texto que estou a ler - e impregno esse texto com algo - emoção, capacidade física de experimentar sensações, intuição, conhecimento, alma - que depende de quem sou e de como me tornei quem sou.

Como já se referiu anteriormente, o acto de ler implica funções psicológicas e orgânicas associadas à compreensão, isto é, depende do desenvolvimento linguístico e cognitivo do indivíduo que lê. Ler é compreender. Esta é de certa forma a perspectiva actual de leitura: não há leitura sem compreensão (Sardinha, 2007,2008). Manguel (1998) considera que o que somos e onde estamos é fruto do mundo que nos rodeia e do que lemos a nós próprios. Ler é uma das nossas funções vitais. Se não compreendemos o mundo em que vivemos, não somos leitores do mundo e para o mundo (Sardinha, 2007).

Ora, em consequência da compreensão do material escrito, impõe-se o acto de leitura. O acto de ler inerente ao ser humano reporta, em si, variadíssimas respostas, tão complexas quanto o conjunto de processos biológicos, psicológicos e sociais que envolvem o ser humano.

Na obra “Aprender a ler” da professora Inês Sim-Sim, focam-se diferentes perspectivas que importa referir. Para determinados autores, ler é saber decifrar, no sentido de ser capaz de pronunciar bem as palavras, mesmo que não compreenda o sentido do texto. Já outros defendem que ler é compreender o sentido do texto. Outros ainda há, que defendem que ler é raciocinar. Assim, as opiniões vão-se desenvolvendo em torno de dois processos; os perceptíveis e os de compreensão.

No passado, o acto de ler, escrever e contar eram competências adquiridas e fundamentais como instrumentos de acção. Actualmente, a situação é bem diferente; pois ler, escrever e

contar são vistos como meios de formação geral de cada indivíduo. Veja-se o seguinte exemplo:

A Pedra Escrita de Serrazes situada na freguesia de Serrazes concelho de São Pedro do Sul é um dos parques monumentos de arte rupestre nacional. Trata-se de um megalítico predominantemente constituído por sinais esquemáticos e abstractos. Estudiosos na área entendem que se trata de uma linguagem imaginada, escrita por meio de forma. Outros há que a entendem como uma delimitação de territórios, ou ainda consideram tratar-se de uma manifestação religiosa entre os pares e/ou os deuses. Na verdade, como a pedra é considerada o mais antigo suporte da escrita, entende-se pertinente referir que para qualquer um dos significados que possa ter tido, facto é que servia uma comunidade, um grupo de pessoas que liam e interpretavam aqueles símbolos, portanto porque não considerar esta, uma peculiar e primitiva comunidade de leitores à época e dimensão.

Devido ao estilo de sociedade em vigor, em que há crescimento e rapidez com tudo o que se desenvolve, também o ensino e aprendizagem não se podem cingir ao aumento de competências instrumentais, mas mais, a tornar os indivíduos capazes de se desenvolverem como cidadãos, consumidores e produtores, compreendendo as mudanças do mundo e os efeitos consequentes de cada sujeito.

Se, no passado, a leitura era entendida como a descodificação de símbolos gráficos em sons. Na era moderna, passou a ser interpretada como um processo linguístico e cognitivo orientado pelo próprio leitor. Senão, veja-se o Dicionário de Língua Portuguesa (2006) que define o conceito de leitura como “o acto ou efeito de ler; o que se lê; arte de ler; conhecimentos adquiridos pelo acto de ler.” A evolução do conceito de ler tem sido notória, pois passou de prática passiva, a qual estimulava apenas os actos de reconhecimento e decifração gráfica, como refere Viana & Teixeira (2009:9) “Saber decifrar, isto é, ser capaz de pronunciar correctamente as palavras impressas mesmo que a pessoa não compreenda o sentido do texto.” Dizíamos, então, que passou da prática passiva para interpretativa, comportando teorias complexas, que remetem para a capacidade de conseguir ou não de decifrar o conteúdo de um texto.

Paulo Freire (1992:12) defendia a perspectiva que acabámos de expor referindo que “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” Nesta sequência, concluímos que não podemos, de todo, cingir a leitura à decifração de signos gráficos, pois tal seria, lamentavelmente, muito restrito, não elevando o pensamento, nem a capacidade de raciocínio, que diferencia o ser humano, tal como defende Rebelo (1990:73) quando afirma que “aprender a decifrar não conduz à leitura e saber decifrar não significa que a criança saiba ler.” Seguindo esta orientação, Carrol (cit.

Por Viana & Teixeira, 2002:11) defende que “o processo de ler envolve a percepção e a compreensão das mensagens escritas numa forma paralela às correspondentes mensagens faladas.” A definição apresentada remete-nos para a definição da palavra “Ler” no Dicionário de Língua Portuguesa (2006) onde se refere que ler é “enunciar ou percorrer com a vista (palavra, texto) entendendo o seu significado; interpretar (o que está escrito); compreender o sentido de...”

Longe de haver uma definição comum, o acto de ler tem variadíssimas interpretações, quanto vários autores:

Em Lerroy-Boussion (1968:3) “Ler é reconstituir um enunciado verbal a partir dos sinais que correspondem às unidades fonéticas da linguagem.”

Para Bloomfiel (citado por Harris & Hodges, 1983) “a leitura envolve apenas a correlação de uma imagem sonora com a correspondente imagem visual.”

Segundo Mezeix e Vistorky (1971:11) “ler é reconhecer os signos escritos, fazendo-os corresponder a palavras que, estas sim, têm um sentido.”

Tal sentido é proporcionado pelas vivências do leitor. Esta ideia está presente em Charmeux (1971) e Smith (1978) “a leitura é a interacção entre as experiências e os conhecimentos anteriores do leitor, e a informação lexical e gramatical veiculada pelos signos gráficos no processo de decifração da mensagem do autor.”

Na opinião de K. Goodman “a leitura é um processo essencialmente psicolinguístico no qual há interacção entre pensamento e linguagem.” Considera ainda que “a leitura é uma actividade de selecção, de previsão, de comparação e de confirmação, na qual o leitor selecciona uma amostra de índices gráficos úteis, baseado no que espera ver.”

Autores como Thorndike (1972), Perron-Borrelli (1970), Adler (1940), Touyarot (1971) e Mialaret (1966) defendem: “o acto de ler é considerado não só como uma actividade que permite aceder ao sentido do texto escrito, mas também como um acto de pensamento e julgamento pessoal. Trata-se de uma tentativa de ultrapassar a concepção de leitura como instrumento de acção para a situar no âmbito da formação geral.”

Para que o leitor seja capaz de criar sentidos necessita socializar-se, caso contrário não consegue ler na perspectiva que temos vindo a defender. Para Waples (1940) “a leitura é um processo de socialização, porque relaciona o leitor com o seu meio e condiciona esta relação.”

Spache e Spache (1977) “defendem a leitura como uma tarefa de desenvolvimento, que vai desde o reconhecimento da palavra até à intervenção de processos mentais superiores na leitura eficiente. Estes autores vêem a leitura como um processo de comunicação multifacetado que se pode descrever em vários tempos e estádios de desenvolvimento como um acto visual, um processo perceptivo, e um processo de pensamento.”

Thinker e McCullough (1968):

A leitura envolve o reconhecimento de símbolos impressos ou escritos que servem de estímulo para a evocação de significados construídos pela experiência passada, e a construção de novos significados através da manipulação de conceitos já conhecidos pelo leitor. Estes significados são organizados em processos de pensamento de acordo com a finalidade do leitor. Esta organização conduz à modificação do pensamento e/ou comportamento, ou ainda conduz a novos comportamentos que se integram quer no desenvolvimento pessoal, quer no desenvolvimento social.

Em suma, podemos afirmar que o processo de descodificação no acto de ler é um meio para se atingir um nível mais profundo que é a compreensão. O vocábulo compreensão é indissociável das definições do acto de ler, pois é a compreensão que confere sentido a tudo quanto nos rodeia. Por conseguinte, a leitura não se encerra em apenas duas dimensões, a descodificação e a compreensão, mas deve antes associar-se a outras dimensões mais complexas e na perspectiva de Mialaret (1974:3):

Saber ler é ser capaz de transformar uma mensagem escrita numa mensagem sonora segundo leis bem precisas; é compreender o conteúdo da mensagem escrita e de julgar e apreciar o seu valor estético.

Uma outra teoria, que em nossa opinião muito se aproxima de Manguel, entre outros, é apresentada por Bonboir (1970:33) ao acrescentar que ler “é ser capaz de extrair as interferências autorizadas por um texto e de lhe dar alma; é recriar ou criar o significado de uma mensagem até aí implícita.” Estas definições são partilhadas por Ferreras (2001:21):

La lectura, es un proceso de pensamiento, de solución de problemas en el que están involucrados conocimientos previos, hipótesis, anticipaciones y estrategias para interpretar ideas implícitas y explícitas.

Corroborando estas dimensões Rebelo (1993:53) pressupõe que:

Durante a leitura, todas as fontes de informação actuam simultaneamente: tanto a identificação, o reconhecimento de letras, a sua tradução em sons, como a compreensão, formulação de hipóteses e conjecturas para descobrir o seu significado estão intimamente implicados no processo, numa relação de interdependência.

Também Alarcão (1991:61) subscreve esta ideia referindo que:

O leitor identifica e constrói unidades de significação a partir de estímulos-sinais que o texto lhe oferece; mas, por outro lado, põe em acção estruturas mais globais que o levam a mobilizar os conhecimentos que tem relativamente ao tema, a desenvolver expectativas, a formular hipóteses, a fazer inferências.

Os conceitos de leitura apresentados apontam-nos caminhos novos. Vimos, assim, como ler significa compreender ao seja atribuir-se sentido ao que se lê, estabelecendo-se entre o texto e o leitor uma relação dinâmica, proactiva e empreendedora, conceitos tão em voga na actualidade e que também aqui detêm um poder enorme conferido às palavras, cuja interpretação não tem limite, já que o limite é a nossa imaginação e capacidade criativa para alcançar outra dimensão. A leitura leva-nos a um campo de acção onde o imaginário se sente livre e o raciocínio se despega da terra, voando por ares infinitos, ao virar de cada página, sem que o tempo nos impeça de continuar, termina apenas porque chegámos à última página e descidos à terra sentimos de novo o quanto é bom sonhar e elevar o espírito. Seria uma alegria imensa sentir e viver estas emoções na Comunidade Leitora em Terras de Lafões, e por isso mesmo, tudo faremos para a implementar brevemente.

Estão cada vez mais instituídas nos currículos escolares as práticas de leitura, numa perspectiva transversal. Não se deve apenas ao esforço dos professores e da instituição escolar o empenho em promover e desenvolver actividades de leitura, pois também os pais, hoje, estão mais atentos a essa necessidade. Há um esforço colectivo, no sentido de se implementarem em casa, na escola, na biblioteca, entre outros locais próprios para o efeito boas práticas de leitura. O Plano Nacional de Leitura tem aqui tido um papel fundamental.

As Bibliotecas Escolares - Centros de Recursos Educativos inseridas nas escolas estão, actualmente, melhor estruturadas e equipadas, com recursos modernos e didácticos ao dispor dos professores bibliotecários, cujo esforço tem sido notável em desenvolver técnicas de atracção do seu público-alvo. O facto de o professor estar destacado para o exercício das suas funções na biblioteca escolar com a respectiva redução da carga horária na componente

lectiva, permite-lhe canalizar mais do seu tempo para a definição de estratégias e formas de actuação tendo em vista um crescendo de alunos na biblioteca. Nas bibliotecas escolares, as práticas de leitura são uma realidade bem evidente o que se augura profícuo no futuro. Mais visível e relevante se tornam as acções quanto o empenho, dedicação e profissionalismo dos professores bibliotecários com tal missão no presente académico dos alunos que frequentam a biblioteca. Esta ideia é apresentada em “RS - Lançar a Rede das Bibliotecas Escolares” (2001:7):

Hoje, num mundo em que a informação e o conhecimento científico e tecnológico se produzem a um ritmo acelerado e em que é indispensável formar pessoas capazes de acompanhar a mudança, cabe às escolas e às suas bibliotecas a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo assim para que os cidadãos se tornem mais conscientes, informados e participantes e para o desenvolvimento cultural da sociedade no seu conjunto.

Entre as muitas práticas de leitura frequentemente agendadas um pouco pela generalidade das bibliotecas, destaco algumas que considero mais eficazes: a presença de um escritor na biblioteca para apresentar ou falar sobre uma obra da sua autoria, permite momentos de interacção entre o escritor e os alunos, bem como entre os próprios promovendo o diálogo e partilha de ideias entre ambos, bem como ainda permite trabalho de exploração e pesquisa, quer antes, quer após a deslocação do escritor. A hora do conto na biblioteca constitui também uma prática de leitura fundamental para estimular o interesse e gosto pelos livros, pelas personagens, cenários, artefactos, entre outros elementos, que, de alguma forma, possam enriquecer o imaginário das crianças. Frequentemente, estes contos funcionam como pontos de partida para outras acções a desenvolver pelos professores e educadores, que no dia-a-dia estão mais próximos das crianças. Concursos, passatempos, recitais de poesia ou prosa, espectáculos, teatros, workshops, entre tantos outros, tendo como referência o livro e a leitura constituirão sempre mais-valias no percurso evolutivo das crianças. A prática da leitura pode ser exercida pela frequência e rotina de hábitos. Tal como os demais procedimentos inerentes à educação da criança, também aquela pode ser inserida em rotinas, tendo como missão, entre os progenitores, ou familiares mais próximos proporcionar à criança essa frequência de leituras. Em complemento, o professor, em sala de aula, terá condições acrescidas para incutir práticas de leitura programadas e calendarizadas, perante a turma, por forma a serem interiorizadas como tal. Como em tudo na vida, trata-se de uma questão de organização, interesse e orientação, quer a título profissional, quer familiar. Como bem expresso no “Manifesto da Biblioteca Escolar” (2001:5):

Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.

Assim sendo, torna-se determinante que os pais percebam a importância que detêm quanto ao acompanhamento dos filhos em matéria de leitura em casa, interpretação e análise de textos e discussão de ideias, visto que esta orientação para práticas de leitura com os respectivos educandos contribuirá para melhores resultados escolares dos alunos. Não se trata somente de responsabilizar a escola pelo sucesso, ou não dos alunos, pois os pais devem estar envolvidos no processo de formação dos filhos, cientes das suas capacidades e necessidades de aprendizagem. Só através deste cúmplice acompanhamento se poderá contribuir para que haja alunos mais empenhados e responsabilizados quanto às suas funções na sociedade em que estão inseridos. É determinante para o futuro escolar das crianças que os pais tenham noção da importância que a leitura representa desde a fase de desenvolvimento do bebé. Durante os nove meses de gravidez, a mãe deve ter comportamentos de leitura para o seu bebé em desenvolvimento. Os comportamentos adquiridos pela prática tornam-se comportamentos instituídos e claramente benéficos para o perfil educativo e escolar que importa adoptar nas escolas em geral e nas famílias em particular.

As comunidades leitoras são, na realidade, exemplos positivos de exercícios de promoção da leitura, que importa promover, apoiar, estimular, participar, por forma a consciencializar para a prática continuada, com objectivos claramente definidos e como forma de promover novos hábitos de leitura e crescimento literário dos intervenientes.

Passamos a referir alguns exemplos de práticas de leitura desenvolvidas pela Câmara Municipal de São Pedro do Sul, através da Biblioteca, em colaboração com os agrupamentos das escolas de São Pedro do Sul e Santa Cruz da Trapa, que aderiram às “Olimpíadas da Leitura”, promovidas pelo *Instituto Português do Livro e das Bibliotecas*. Trata-se de um concurso que permitiu aos alunos ler uma obra seleccionada, por concelho e falar sobre ela directamente com a escritora tendo que elaborar um trabalho individual segundo regulamento próprio.



Figura 1 - Acção com a escritora Sara Monteiro e os alunos do 2º ciclo dos Agrupamentos de Escolas do Concelho

Neste contexto, os alunos do 2º ciclo das escolas mencionadas, foram contemplados com a escritora Sara Monteiro, que conversou sobre a sua obra “O Príncipe Perfeito.” É de realçar que os cerca de cem alunos ali presentes manifestaram um conhecimento razoável do livro, já que questionaram a escritora sobre aspectos pontuais, a que esta foi respondendo com satisfação.

No final da acção, Sara Monteiro, autografou alguns livros, bem como assinou o diploma de participação de alunos e professores. Consideramos que esta sessão foi muito interessante porque permitiu a comunicação em directo com a escritora, decorrendo de forma entusiástica e dinâmica contribuindo para a crescente motivação dos alunos em participar no concurso.

Implementámos a hora do conto em todas as escolas e jardins-de-infância do concelho, como forma de contribuir para o acréscimo de hábitos de leitura entre os mais novos.

O Rapaz dos Hipopótamos de Margaret May

“Um hipopótamo seguiu um rapazinho da escola até casa:
no dia seguinte havia dois hipopótamos;
todos os dias chegavam mais hipopótamos.
O pai procurou uma bruxa para dar ao rapaz
um remédio anti-hipopótamos, mas...”



Figura 2 - Hora do Conto “O Rapaz dos Hipopótamos” no Jardim-de-Infância de Santa Cruz da Trapa

Como é do conhecimento público no início do mês de Abril comemora-se o “Dia Internacional do Livro Infantil”, sendo que também a Biblioteca Municipal, preparou e apresentou o conto “A Que Sabe a Lua?” para as crianças do ATL da Misericórdia de São Pedro do Sul. Cerca de vinte e cinco crianças, mais as que se encontravam, no momento, na Biblioteca assistiram ao conto. No final proporcionou-se o diálogo com as crianças que entusiasticamente se divertiram com a história, que embora simples, é apelativa também devido ao cenário que elaboramos para o efeito.



Figura 3 - Hora do Conto “A Que Sabe a Lua” na Biblioteca Municipal

A história o “Gigante Egoísta” de Óscar Wilde, percorreu as escolas do 1º Ciclo do concelho. De referir que, o fim do conto foi adaptado, sendo proposto no final aos alunos que lessem o livro e verificassem o final original da história. Louvamos a iniciativa de alguns professores que trabalharam o conto na sala de aula com os alunos, bem como outros que atribuíram, como trabalho de casa, recontar, por escrito, e eles próprios encontrarem um outro fim para a história.



Figura 4 - Hora do Conto “O Gigante Egoísta” na Escola do 1º CEB de Bordonhos

A Hora do Conto baseada na obra “Livro com Cheiro a Chocolate” consistiu no planeamento e implementação de actividades dedicadas aos quatro níveis de ensino visando a integração dos alunos e envolvendo a colaboração dos professores. Procurámos desta forma evoluir do simples modelo de apresentação do conto, acrescentando, a este, trabalhos mais dinâmicos e interactivos com os alunos e a colaboração dos respectivos professores, resultando num conjunto de acções muito bem-sucedidas.



Figura 5 - Hora do Conto seguida de actividades desenvolvidas na Escola do 1ºCEB de Vila Maior

A Biblioteca Municipal através do Instituto Português do Livro e da Biblioteca conseguiu deslocar a São Pedro do Sul - A Noite de Natal de Sophia de Melo Breyner Anderson, protagonizada pelo actor Paulo Lages. Esta obra integra o Plano Nacional de Leitura e destinou-se aos alunos do 5º e 6º ano, já que se insere no programa escolar de Língua Portuguesa, destes anos lectivos. O profissionalismo deste actor revela-nos como é extraordinário trabalhar com crianças em literatura, por vezes, menos agradável para os alunos destas idades, algo complexas por natureza, acrescido o facto de, como sabemos o gosto e o hábito de leitura ainda estarem pouco incutidos nos jovens. Esta actividade constituiu, com toda a certeza, uma experiência inesquecível, para todos aqueles alunos presentes no auditório. Não se tratou propriamente de um espectáculo, mas sim de um

momento de leitura e alguma encenação em que estiveram em palco a trabalhar com o actor vários alunos cuja experiência, acreditamos, os marcará para sempre.



Figura 6 - “A Noite de Natal” de Sophia de Melo B. Anderson apresentada pelo actor Paulo Lages no Cine-Teatro São Pedro para os alunos do 5º e 6º ano

Sempre com o propósito de contribuir e inculcar nos alunos hábitos de leitura a Biblioteca Escolar e a Biblioteca Municipal proporcionaram um espectáculo fantástico para os alunos do 5º e 6º ano. Esta sessão/espectáculo “As Mil e Uma Noites” apresentada pela Companhia Panda Pá na pessoa do actor Luciano inseriu-se numa candidatura efectuada à DGLB pela Biblioteca Municipal.

Encantou-nos a forma como foram sendo apresentadas três diferentes histórias “Ali Babá e os quarenta ladrões”, “Aladino” e “Simbad” contos da obra das “Mil e Uma Noites”, todas envolvidas num enredo simultâneo, em que a atenção do espectador permanece silenciosamente agarrada durante aqueles rápidos sessenta minutos. Não só o rei se deixou impressionar pela teia maravilhosa de histórias de *Xerazade* como também o público presente, alunos, professores e técnicos da Câmara Municipal presentes, com a qualidade da interpretação do actor Luciano.



Figura 7 - Sessão “As Mil e Uma Noites” apresentada pela Companhia Panda Pá na Biblioteca Escolar do Agrupamento de S. Pedro do Sul

Considerámos que a participação dos alunos foi muito positiva pois estiveram durante o espectáculo muito atentos e de tal modo interessados, que no fim interagiram com o protagonista, sobre a história apresentada.

A reflexão sobre o livro e a leitura impele-nos para várias questões. O que é ser competente em leitura? Ou ainda o que é ser um leitor competente? Na sequência da reflexão apresentada no capítulo anterior, e sendo uma constante, ao longo do presente trabalho, podemos indiciar que o leitor competente será aquele que tem capacidade para compreender e interpretar mensagens, opinar e atribuir valor a tudo aquilo que lê. Esta competência é um processo adquirido posteriormente à aprendizagem, surge numa maturação e desenvolvimento pessoal posterior à escolaridade básica, adquire-se pela experiência de diferentes e diversificadas leituras efectuadas ao longo da vida e que permitirão desenvolver o sentido crítico e opinião própria acerca de obras e autores de referência. Numa conferência no LEIP, acrescenta Sardinha (2008):

É curioso que em Portugal lê-se imenso. Há hoje mais leitores do que nunca. Mas haverá leitores competentes? Haverá efectivamente competência em leitura? E os que a têm o que é que lêem? Lê-se para quê? Lê-se para desenvolver a nossa inteligência pois a leitura enquanto forma de comunicação diferida é uma actividade complexa com actividades plurais desde as neuro-fisiológicas (percepção de signos) às cognitivas (compreensão) aos afectos, às actividades do foro da argumentação e do simbólico (relação com a cultura e com o imaginário).

O livro e a leitura permitem alimentarmos esse imaginário. Na afirmação de Eco “O Homem é um animal efabulador com sede de narrativas a começar pela sua.” Todo o ser humano quando nasce dá princípio à sua narrativa. As histórias que constrói são um misto da sua própria realidade e da imaginária que alimenta a sua ficção. O leitor, quando leitor escritor passa para a escrita o enorme poder de imaginação que possui a par da realidade envolvente, que sendo sua ou não permite-lhe ainda mais aumentar a criatividade e despoletar o interesse da escrita, crescendo em emoção e interesse elevando o conteúdo da acção e gratificando a leitura.

Citando Jorge Borges “A memória é o essencial, visto que a literatura está feita de sonhos e os sonhos fazem-se combinando recordações.” Destarte a leitura enriquece a nossa memória, as palavras ficam registadas por força da qualidade das leituras que fazemos. Quanto mais gostamos da leitura mais gravada fica na nossa memória. De umas leituras se passa a outras, quanto mais lemos mais gostamos de ler. A leitura fomenta o nosso desenvolvimento mental e psicológico, enriquece a memória e o conhecimento, torna o leitor mais culto e melhor formado. Lê-se por variadíssimas razões, por imperativo profissional, como passatempo,

diversão ou lazer, lê-se por imitação, lê-se ainda por amor ao livro ou autor, lê-se por pressão ao PNL. Entre muitos outros motivos é importante continuar a ler, fomentar o gosto pela leitura, entre os mais novos, ser exemplo de leitores, ser leitores constantes, reler obras clássicas de referência e obras da actualidade, embora que muitas com qualidade duvidosa, devemos ler para deter opinião crítica acerca dos novos escritores. Entre os muitos escritores da actualidade há excelentes escritores. É desta leitura frequente e continua que poderemos contribuir para a qualidade da comunidade leitora que queremos instituir em terras de Lafões.

O século passado foi uma referência quanto à oferta e diversificação de literatura infantil, sendo que, esta assume forte autonomia e os autores crescem significativamente na consideração que colocam à psicologia e vivência dos jovens leitores. A criança assume, progressivamente, um protagonismo nítido surgindo um conjunto de subgéneros, desde a literatura, ao álbum ilustrado ou ao livro de imagens. Este foi indubitavelmente o ponto de especialização da literatura infantil e juvenil. Os escritores e ilustradores a trabalhar para crianças multiplicam-se. O prémio Andersen, desde 1956, funciona como reconhecimento internacional para os autores que escrevem e desenharam para os mais pequenos. Actualmente os contadores de histórias, criam personagens bastante criativas e dinâmicas, assumem papéis variados como por exemplo ser meninos que não crescem como *Peter Pan*, ou meninas que sabem ouvir as pessoas como *Mamo*, ou ainda homens que não querem ser cinzentos como *El hambrecito* vestido de gris, entre tantos outros. Verifica-se positivamente que a imaginação e a fantasia, estão muito bem evidenciadas, no conto moderno, aplicando um misto de real e irreal de excelente qualidade. A área da ilustração tem ganho um extraordinário peso. Com *Paul Faucher* detentor de um estilo muito próprio surge a colecção de álbuns de *Pére Castor* do qual constam oitenta títulos em menos de uma década. Entre muitos destacamos *Maurice Sendak*, considerado o *Picasso* do livro infantil, pois aborda os seus monstros e meninos displicentes com o título “Donde viven los monstruos?”

Em Portugal, registam-se grandes nomes de escritores, que a certa altura das suas vidas também escrevem para crianças, como Fernando Pessoa, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão, ou mais recentemente Sophia de Mello Breyner Andersen, António Lobo Antunes, Agustina Bessa Luis, Lídia Jorge ou tantos outros. No nosso país, o forte interesse pela literatura infantil surge depois da revolução de 1975, após a democratização do ensino, a liberdade de circulação de ideias e uma atenção crucial à formação dos professores. Mas é sobretudo na década de oitenta que aumenta significativamente o número de produções de obras para a infância e juventude, bem como a um fomento do público leitor. Como refere Sobrino (2000:31):

Com efeito, o acto de ler, longe de ser mecânico, é uma operação que envolve a totalidade da pessoa: inteligência e vontade, fantasia e sentimentos, passado e

presente. A leitura converte-se assim numa das mais importantes actividades humanas, já que influencia e assegura o processo de maturação, através da autonomia intelectual, sendo igualmente factor de liberdade interior daquele que lê. Se juntarmos a isto o facto de que o hábito da leitura se alimenta e fortalece com a prática, podemos dizer que estamos, definitivamente, perante a possibilidade de um enriquecimento individual constante, já a leitura é uma das actividades que melhor contribuem para o desenvolvimento dos diferentes aspectos da personalidade.

Constata-se então que o hábito da leitura permite um enriquecimento pessoal, intelectual, moral, afectivo entre muitos outros atributos, o que permite, em simultâneo, desenvolver a capacidade de compreensão e expressão, aumentar do vocabulário bem como um domínio crescente da língua materna. A leitura exige ainda concentração, reflexão, comparação e previsão, num permanente estímulo intelectual do pensamento. Todo o indivíduo que entenda a literatura como uma arte percebe o quanto é diferente, misteriosa e profunda. Este entendimento estimula para a continuidade em ler um ou vários livros em simultâneo, ultrapassando todo e qualquer tipo de barreiras.

Na Idade Contemporânea, surgem, cada vez mais, diferentes soluções de informação, seja em jornais, enciclopédias, ou novos média que acabam por influenciar e revolucionar a indústria editorial. O acabamento dos livros tem evoluído sistematicamente com o contributo dos designers gráficos dando origem a verdadeiras edições de luxo. A apresentação do livro contemporâneo caracteriza-se cada vez mais pelo apelo à imagem e à cor; as capas são multicores, com brilho proveniente do revestimento de uma película transparente. Gradualmente, em todo o mundo, instituiu-se o processo de impressão informatizado desaparecendo o processo de impressão mecânico. Esta evolução foi tal, que novas técnicas apareceram como o laser, jacto de tinta, entre outros. O uso da informática vem permitir o desenvolvimento de técnicas que revolucionam a evolução do livro e da edição. Veja-se a facilidade com que um computador e uma impressora tratam um texto e o publicam. Foi apenas uma questão de tempo, até se descobrir que os livros podiam evoluir para uma forma electrónica, o que veio a acontecer nos finais do século XX. Hoje, através de um computador tem-se acesso ao livro electrónico.

Actualmente, a grande questão está na revolução digital e no livro em suporte electrónico. Por se tratar de um fenómeno ainda recente, o futuro ditará os próximos passos. No entanto, podemos, desde já, questionar se se tornará num seguidor do livro típico, ou numa variante. Certo é, que pertencente aos media, é galopante a sua proliferação, onde a tudo se acede de forma rápida e actualizada. Existem livros electrónicos disponíveis não só para computadores de mesa, como também para computadores de mão como os PDAs.

Neste processo de modernização, há ainda uma desvantagem, já que a leitura em suporte de papel é muito mais rápida do que em suporte digital. Mas, como a electrónica já nos habituou esta dificuldade, brevemente será um desafio ultrapassado, melhorando a visualização dos livros nos monitores. O livro e a leitura estarão sempre em uníssono para que assim se possa proporcionar na Comunidade Leitora em Terras de Lafões, uma verdadeira comunidade com gostos literários que, partilhados, constituirão uma mais valia para o património cultural da cidade, que pode ser alargado pela presença de artes plásticas, música, dança entre outras formas de expressão, por forma a enriquecer e diversificar a comunidade de leitores. Como se prevê a abertura, a curto prazo, da universidade sénior, acreditamos que esta poderá constituir uma força muito positiva e enriquecedora para os cidadãos do concelho. Julgamos mesmo que será muito oportuno estreitar relações em prol da leitura. Quanto a nós, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para estabelecer uma parceria activa, por forma a organizar actividades conjuntas no âmbito da Comunidade Leitora em Terras de Lafões. O concelho mais próximo - Vouzela iniciou recentemente a sua universidade sénior, pelo que com esta instituição pretendemos promover parceria.

Apresentamos alguns exemplos sobre a importância que a promoção do livro e da leitura constituem para o Município de São Pedro do Sul, a começar pelo horário alargado de funcionamento da Biblioteca durante os meses de Verão.



Figura 8 - Cartaz informativo sobre o alargamento do horário da Biblioteca Municipal, durante o Verão

Tendo em consideração que as ferramentas de imagem e comunicação são fundamentais para transmitir objectivos, optamos sempre que possível por usa-las, pelo que é frequente elaborarmos cartazes endereçados aos agrupamentos, escolas e jardins-de-infância conforme as circunstâncias. Seguem-se alguns exemplos.


Bibliomóvel e Hora do Conto

Este projecto visa dar continuidade à actividade do Bibliomóvel. Estendemos o conceito da leitura, para a apresentação de contos.

Transportamos no Bibliomóvel os livros e entramos com o conto para a sala de aula, expomos a história, nas escolas e jardins do concelho.

Manuseamos o livro, deixamos tocar-lhe, desfolhar, ver e devorar...
Uma vez entre outra propomos o reconto, aos mais crescidinhos. Ali, no momento, entre nós de novo, é outro o orador, é diferente a voz, é única a experiência, é redobrada a atenção!

Ler + é para todos!



o programa pode ser alterado por motivos imprevistos

Setembro|2007

Figura 9 - Cartaz de divulgação do projecto Bibliomóvel e Hora do Conto nos Jardins-de-Infância e Escolas do 1º CEB no concelho de S. Pedro do Sul

Biblioteca Municipal

Telf. 232 723 601 Email: biblioteca@cm-spsul.pt

Bibliomóvel

Bibliocaixas

LeR+

PLANO NACIONAL DE LEITURA

Câmara Municipal de São Pedro do Sul
Biblioteca Municipal



CALENDARIZAÇÃO DO BIBLIOMÓVEL OUTUBRO DE 2009 A MAIO 2010

Outubro 09							Novembro 09							Dezembro 09						
Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom
			1	2	3	4							F		F	2	3	4	5	6
F	6	7	8	9	10	11	2	3	4	5	6	7	8	7	8	9	10	11	12	13
12	13	14	15	16	17	18	9	10	11	12	13	14	15	14	15	16	17	18	19	20
19	20	21	22	23	24	25	16	17	18	19	20	21	22	21	22	23	24	N	26	27
26	27	28	29	30	31		23	24	25	26	27	28	29	28	29	30	31			
							30													

Janeiro 2010							Fevereiro 2010							Março 2010						
Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom
				F	2	3	1	2	3	4	5	6	7	1	2	3	4	5	6	7
4	5	6	7	8	9	10	8	9	10	11	12	13	14	8	9	10	11	12	13	14
11	12	13	14	15	16	17	15	E	17	18	19	20	21	15	16	17	18	19	20	21
18	19	20	21	22	23	24	22	23	24	25	26	27	28	22	23	24	25	26	27	28
25	26	27	28	29	30	31								29	30	31				

Abril 2010							Maio 2010						
Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sab	Dom
			1	F	3	P					F	2	
5	6	7	8	9	10	11	3	4	5	6	7	8	9
12	13	14	15	16	17	18	10	11	12	13	14	15	16
19	20	21	22	23	24	25	17	18	19	20	21	22	23
26	27	28	29	30			24	25	26	27	28	29	30
							31						

Bibliomóvel C I
Bibliomóvel C II

O QUE SÃO AS BIBLIOCAIXAS?

As Bibliocaixas são caixas de livros que a Biblioteca Municipal em conjunto com os Agrupamentos de Escolas do concelho, disponibiliza aos Jardins-de-Infância e Escolas do 1º CEB.

Os livros escolhidos abrangem várias áreas temáticas e diferentes níveis de leitura.

São livros sugeridos pelo Plano Nacional de Leitura.

Os livros serão requisitados pelo professor que ficará responsável pelo seu manuseamento. Cada Escola/Jardim pode requisitar os livros durante um mês.

O Bibliomóvel fará a entrega/recolha dos livros das caixas, aos professores, conforme calendarização (em cima) para os livros requisitados pelos alunos.

Que tipo de caixas dispomos?

Dois tipos:
Jardins-de-Infância
Escolas 1º CEB

Circuito I		Circuito II	
Segunda-feira	Pinho: Escola + Jardim Sobral: Jardim	Segunda-feira	Carvalhais: Escola + Jardim Sá: Escola + Jardim Bordinhos: Escola + Jardim
Terça-feira	Oliveira: Escola + Jardim Sul: Escola S. Félix: Escola + Jardim	14h	Terça-feira
Quarta-feira	Fig. Alva: Escola + Jardim Fermentelos: Escola + Jardim Ladreda: Jardim	Quarta-feira	Serrazes: Escola + Jardim Freixo: Escola + Jardim Baiões: Jardim
Quinta-feira	Rio de Mel: Jardim Pindelo: Escola + Jardim	Quinta-feira	Manhouce: Escola + Jardim Santa Cruz da Trapa: Jardim
Sexta-feira	Várzea: Escola + Jardim Termas: Escola + Jardim	Sexta-feira	Vila Maior: Escola + Jardim Sendas: Jardim

FINALIDADE DAS BIBLIOCAIXAS:

- Tornar o maior número de livros afectos ao PNL acessível aos professores e educadores;
- Envolver os professores no sentido de orientarem e aconselharem as crianças para leituras adequadas às suas idades;
- Facilitar as aprendizagens;
- Desenvolver competências de literacia;
- Criar futuros leitores;
- Desenvolver aspectos culturais e sociais nos leitores.

Figura 10 - Cartaz de divulgação do projecto Bibliomóvel, Bibliocaixas e Hora do Conto nos Jardins-de-Infância e Escolas do 1º CEB no concelho de S. Pedro do Sul



Figura 11 - Capa do “Livro Branco” proposto a todos os Jardins-de-Infância do concelho, que os preencheram tendo sido expostos na Feira do Livro, no final do ano lectivo



Figura 12 - Cartaz de divulgação da Feira do Livro em São Pedro do Sul

2.2 - Comportamentos Emergentes

Nesta parte do estudo importa constituir uma cultura de promoção dos comportamentos pró-literários. As crianças que tiveram a oportunidade de aprender a ler as imagens, os símbolos e os objectos estão a desenvolver diferentes linguagens. As crianças que ouviram e manusearam os livros de histórias infantis foram motivadas para a compreensão dos símbolos e das imagens inerentes à escrita.

As investigações nesta área categorizam-se em duas: uma investiga as tentativas de leitura de livros com as quais a criança está habituada; outra analisa as interacções entre pais-criança ou criança-professor. O facto a realçar das categorias em causa é que ambas colocam a leitura de livros como sendo uma actividade estruturante e urgente, em instituir comportamentos durante a infância de pró-leitura e do desenvolvimento da literacia.

Como já amplamente desenvolvido no capítulo anterior, as crianças habitualmente pedem a leitura da mesma história, cuja repetição as ajuda a antecipar palavras e acções, proporcionando-lhes uma aproximação ao conteúdo do conto, memorizando as passagens do seu agrado, reflectindo um acompanhamento admirável, como se conseguissem ler palavra a palavra a história em causa, sem que disso se trate na realidade.

Da investigação preconizada por Sulzby (1985) esta demonstra que os comportamentos emergentes de leitura passam um processo evolutivo, reflectindo padrões de desenvolvimento. Os padrões revelados explicitam que as crianças pensam que a imagem é a origem da mensagem tratando cada página do livro como unidades, progredindo até o considerarem como um todo, isto é, ao ponto de, individualmente, conseguirem seguir a acção elaborando a história ao longo das páginas, partindo de uma para um conjunto de páginas constituintes do livro, da história de algo mais completo. As crianças, neste processo de observação, versus leitura, desenvolvem, inicialmente, a linguagem oral progredindo até à linguagem escrita, muito antes de chegarem propriamente ao estilo escrito da linguagem se assim se permite analisar. São características desta linguagem os enunciados e a entoação. Não raramente lhes acontece a tentativa para a leitura, perante o texto, referindo ainda não saber ler, já que se deparam com um código ainda não perceptível de interpretar. Há, efectivamente, um reconhecimento de palavras ou letras mas não no colectivo. Há que realçar que, a criança, cujas experiências com leitura de histórias antes da idade escolar, tem outra relação e entendimento com o livro, o que pode ser muito favorável no processo de aprendizagem.

Para Clay (1979) a actividade de leitura de histórias permite que a criança aprenda de uma forma natural, noções de que: i) o impresso pode transformar-se em discurso; ii) há uma mensagem registada; iii) a imagem é um guia aproximado dessa imagem; iv) algumas unidades da língua ocorrem com mais frequência do que outras; v) existe uma mensagem particular, constituída por palavras colocadas numa determinada ordem.

Considera Teale (1984) que ler para as crianças lhes permite que ocorra, de forma simultânea e interdependente, um conjunto de aquisições importantes tais como: i) a apropriação acerca das funções e dos usos da linguagem escrita (desde a função geral de comunicação a funções específicas como, por exemplo ser auxiliar de memória); ii) o desenvolvimento de conceitos acerca do impresso, dos livros e da leitura, da forma e da linguagem escrita; iii) o desenvolvimento de atitudes positivas perante a leitura; iv) o desenvolvimento de estratégias de leitura.

Trata-se de um conjunto de atitudes, comportamentos e competências que são desenvolvidas durante um processo longo com origem na interacção entre pais e filhos. Esta interacção, que se proporciona, é intuitiva, sendo que a leitura por parte dos pais não é convencional, havendo uma dinâmica especial, privilegiando aspectos da linguagem oral e escrita. Como, aliás, há também, por parte dos pais, uma leitura adaptada à idade, ao crescimento e à evolução da criança e a sua familiarização com as histórias. A importância deste relacionamento intergeracional contribui para o estudo dos comportamentos emergentes da leitura.

2.3 - Desenvolvimento Educacional e Humano

A maternidade é uma bênção no mistério da vida humana. A mãe, enquanto mulher, traz no seu ventre um futuro ser e como tal tem responsabilidades em vários domínios. Importa, aqui, reflectir sobre como contribuir para hábitos de leitura, no período de gestação deste novo ser em desenvolvimento, acreditando que o gosto da mãe, pela leitura, irá fomentar, na criança, também a motivação para a leitura. A experiência da maternidade implica, com toda a certeza, entre outras coisas, inúmeras alegrias. Ora, a possibilidade que pai e mãe têm de efectuar leituras específicas para o filho, em gestação, pode ser determinante, para que, no futuro, seja uma criança leitora. Podem ser nove meses de leituras por parte da mãe, do pai ou outros, em sessões de leitura para grávidas, promovidas por entidades competentes para o efeito. Na verdade, o bebé na barriga da mãe cresce e sente-se numa outra dimensão. Tudo o que a mãe ingere, alimenta o bebé, quer física quer emocionalmente. As leituras podem ser alimento cognitivo e emocional para o desenvolvimento do novo ser humano, podendo realizar-se, a qualquer hora, tida por conveniente para a mãe. O bebé ouve todas as leituras

da mãe ou de qualquer outro leitor, desde que criado o ambiente apropriado. Como refere Sardinha (2007:6):

Ensinar a ler, motivar para a leitura terá de ser algo em que se acredite. Nenhuma estratégia terá o resultado desejado se não houver crença no seu valor. Ora, a leitura é como o amor. Assim sendo, teremos mesmo de estar apaixonados.

Trata-se de uma questão cultural. Esta é uma visão nova e diferente desta temática. São conceitos que é necessário implementar em prol de uma sociedade mais instruída. São desafios que se proporcionam às mulheres em geral. Criar hábitos de leitura, no presente, tendo em vista bons leitores no futuro. É um longo caminho a percorrer. Não pode ser um caminho interrompido ou faseado. A motivação tem que estar sempre presente, inata, dinâmica e activa. Consideramos relevante, que a mãe, exercendo ou não qualquer tipo de leitura, no seu quotidiano, deve reservar parte do seu precioso tempo para momentos de leitura e interiorização de textos previamente seleccionados. Ser mãe, nesta dimensão, comporta diferentes responsabilidades e atitudes. A alegria natural sentida deve estender-se a tudo o que de saudável e promissor pode contribuir para a felicidade do futuro ser. Para as mães que, por qualquer motivo não podem ter filhos, mas podem adoptar ou acolher, o livro “Grávidas de Coração”, de Paula Pinto da Silva permite um diálogo entre mãe e filho muito preciso nos dias de hoje, transmitindo uma mensagem directa aos sentimentos das pessoas.

- Há muitas maneiras de ter filhos: na barriga, no coração...
- Mãe, grávida no coração? O coração não tem filhos!
- Tem sim, e foi lá que tu nasceste, é lá que estás a crescer e é onde vais ficar. Para qualquer lado aonde vá, levo-te sempre no meu coração.

O período que antecede o ingresso da criança na escola, isto é, até aos seis anos de idade, é determinante para o seu sucesso de aprendizagem escolar posterior. Concretamente, o contacto que a criança adquirir neste tempo de vida e as experiências diversificadas que lhe transmitiram ensinamentos, conhecimentos e partilha de um conjunto de actividades serão enriquecedoras para a sua formação futura. É fundamental que pais, educadores, tutores ou outro tipo de mediadores tenham bem presente a importância que assume nestas idades a aquisição alargada de actos criativos que fomentem o conhecimento. Como refere Ferreira e Fernandes (2007:23) “A aprendizagem da leitura e escrita é um processo contínuo cujo sucesso é determinado em grande medida pela acção intencional de educadores e pais.”

É fundamental que os educadores prolonguem para o ambiente familiar os hábitos de leitura, como forma de se promover a leitura em todos os lares. Na prática, podem funcionar as já sobejamente conhecidas “mochilas de leitura” em que as crianças levam para casa a mochila com livros, cujas histórias serão lidas em família, pela mãe, pai, irmãos ou avós, sempre em

círculo familiar. Estas mochilas podem entrar à segunda-feira e sair à sexta, permanecendo, assim, na família, uma semana, e voltando a circular sucessivamente, correndo todas as famílias das crianças da turma. Quando terminar, mudam-se os livros da mochila, continuando a corrente de leitura e fazendo-se paragem no fim do ano lectivo. É de louvar os pais que continuam durante as férias escolares. Eis o objectivo desta acção: criar condições, para que os hábitos de leitura se mantenham e não se interrompam por motivos de calendário escolar. A leitura não pode ter paragens, sendo que a promoção de hábitos de leitura implica criar rotinas saudáveis e inquebráveis de leitura.

O desenvolvimento da literacia será tanto melhor quanto forem proporcionados momentos ricos em experiências linguísticas na infância. Trabalhar com estas idades na motivação para a leitura passa, fundamentalmente, pela transmissão de conhecimentos associados aos materiais escritos. A criança que nesta fase ainda não lê, mas reconhece que se trata de algo escrito, aponta indicando com o dedo para que lhe leiam o que aquelas frases dizem. É neste processo que desenvolve a sua curiosidade, criatividade e gosto pela leitura, bem como para as actividades de leitura e escrita que, mais tarde, lhe surgirão. Na verdade, é tão determinante esta fase, porquanto as crianças acumulam um vasto conjunto de competências, que se iniciou muito antes de qualquer processo de aprendizagem formal, em sala de aula, ou em contexto de ensino. Quanto mais cedo começa esta prática, nomeadamente no berço familiar, melhores resultados apresentará no futuro.

Quanto à promoção da leitura em idade escolar, a este respeito diz-nos Coutinho e Azevedo (2007:35): “(...) sobretudo a escola básica terá que encontrar o seu caminho para tentar, em conjunto, com os seus parceiros sociais, descobrir mais espaços de diálogo com a promoção da leitura.”

Ora, é precisamente nesta idade escolar que é fundamental estimular as crianças para a leitura. É, de facto, um esforço acrescido que precisam todos, professores e pais, de implementar, reforçado pelo conhecimento generalizado relativamente às exigências que a escola detém. A leitura em sala de aula, em voz alta, ou em silêncio é crucial, pois estimula as crianças para ler melhor, ler com frequência e ler acompanhadas. O adulto corrige, ensina, estimula e apoia. Tal acompanhamento e orientação são fundamentais para que o aluno leia melhor, aprenda os significados das palavras que desconhece, aumente o seu vocabulário e sinta gosto e motivação para a leitura, pois nas leituras encontra um imaginário infinito que o estimula a querer ler sempre mais. É dessas leituras que a sua imaginação, também ela, vai crescer com as restantes aprendizagens que faz em diversificados contextos. Surpreendente é, quando se verifica, como os alunos sonham e escrevem belíssimos textos frutos das variadíssimas leituras que têm efectuado. Retiram partido do que leram, ou do que ouviram em contos ou histórias, ou das viagens culturais efectuadas em família. Lêem a partir dos seis

anos de idade, mas têm acumulado na sua privilegiada memória leituras que ouviram dos progenitores, educadores e demais promotores de leitura, antes da frequência escolar.

A escola básica tem esta missão: estimular para a leitura; ler de forma disciplinada e orientada; ler de forma livre. Nas mais variadas situações, há oportunidades para ler. Um dia na escola proporciona leituras diferentes, leituras interessantes, leituras necessárias e imprescindíveis para o incremento de competências literárias. Seja na sala de aula, na biblioteca escolar, ou na biblioteca municipal, no refeitório, no bar, no espaço internet ou nas diferentes actividades proporcionadas pela escola, os alunos são impelidos sempre para a leitura. Transmitir aos alunos a beleza da leitura é tornar as crianças mais felizes e mais livres para o desenvolvimento da sua criatividade, pois como refere Pennac (2006:11): “O verbo ler não suporta o imperativo. É uma aversão que compartilha com outros: o verbo amar... o verbo sonhar...” Ler não pode ser uma obrigação ou imposição. Já educar para a leitura é um dever de pais e professores. Motivar de forma consciente, motivar pelo exemplo. Os adultos ao lerem são, naturalmente, uma referência para as crianças, cuja curiosidade inata os interpela sobre essas leituras, sendo o procedimento em causa uma educação para a leitura, tal como educamos para tudo o que é importante nas nossas vidas.

Assim, Clary (1991) considera seis condições possíveis responsáveis pelo despertar da motivação para a leitura: “capitalização de interesses; material de leitura acessível; ambiente favorável; tempo livre para ler na escola; modelos adultos expressivos; técnicas motivadoras.” É importante criar o maior número possível de condições e estímulos para a leitura: seja através de esforço pedagógico nas escolas; seja pelo esforço da célula social fundamental da sociedade, a família. Mas, estes esforços só valem se forem sentidos na primeira pessoa, se vierem do coração, do interior de cada promotor da leitura, que transmita e contagie naturalmente o gosto e motivação pela leitura. Por conseguinte, torna-se fundamental ir ao encontro das crianças. Saber os livros que elas gostam de ler, quais as suas preferências e inclui-los na organização de actividades. As acções devem ser frequentes, continuadas e persistentes ao longo dos tempos. É na família que os bons hábitos se adquirem, não se podendo exigir tudo à escola pois cada qual tem competências próprias que podem e devem complementar-se. Mas, a família tem de saber como correm os dias do seu educando na escola; Tem de conversar e partilhar, prática cada vez menos frequente nas famílias; Tem de responsabilizar e educar; Tem de ajudar a aumentar as competências leitoras. Escola e casa, casa e escola devem estar interligadas. Com professores e pais a exercer a motivação para os hábitos de leitura. Nesta perspectiva, cremos que as câmaras e bibliotecas municipais, entre outras organizações educativas locais, podem ser um excelente contributo para a promoção da leitura, já que são parcerias que se devem estabelecer, pois em muito contribuirão, para o acréscimo de competências, não apenas leitoras, mas também enquanto espaços de diálogo inter cultural e profissional que se partilham. Quanto aos hábitos de leitura em idade adulta, considerando que foram já, a seu tempo, inculcados, pela

escola ou pela família, há que os continuar a estimular, para que se preservem e enraízem na cultura de todos os cidadãos. Acreditamos que este projecto pode ser continuado através de acções públicas de promoção de leitura. Ora, como facilmente se percebe, os bons leitores com hábitos adquiridos, quando confrontados com a entrada na vida activa, estão sujeitos a quebras dos seus hábitos literários. Actualmente é frequente, em qualquer círculo profissional, falar-se da falta de tempo que a todos parece assolar. Perante esta realidade, até se consegue entender que o ingresso na actividade profissional seja um desafio por excelência. Contudo, é fundamental a gestão do tempo, pois todo o tempo é precioso. O seu uso é determinante para a organização pessoal e profissional. O problema é, quando os tempos de lazer passam a ser ocupados por inúmeras outras actividades, em detrimento da leitura. Portanto, a importância de promover a leitura, na idade adulta, é de particular importância. Como refere Pereira (2007:179) “Promover a leitura é também cuidar dos leitores que já existem, porque promover uma actividade é acima de tudo tornar essa actividade relevante em termos sociais e culturais.”

No âmbito da promoção da leitura são de louvar as iniciativas que as Bibliotecas Públicas de Évora, Beja, Mangualde, Santa Maria da Feira, entre tantas outras possíveis de elencar, têm promovido, no que diz respeito aos livros e à cultura. São acções que se têm revelado de enorme prazer e fruição aos convivas envolvidos; são encontros entre livros e leitores que dependem, substancialmente, da boa vontade e persistência de quem os dinamiza, organiza e promove. Desenvolver acções de promoção de leitura em ambiente de livros e leitores adultos, nas bibliotecas públicas ou escolares pressupõe, à partida, dois aspectos cruciais; ler em voz alta e ler em público. Como nos diz Pereira (2007:173):

“Ora todos sabemos o quanto a cultura nacional herdou nesta matéria. É, de facto, um fardo extremamente pesado mas que importa contrariar com persistência e perseverança. Este esforço tem sido feito, e o sucesso é visível.”

Surgem, assim, os grupos de leitura que estabelecem como pré-requisitos: prazer em ler, ou melhor, em devorar livros; gosto em emitir e ouvir opiniões e respeito pelas escolhas dos outros. Reúnem com frequência com o propósito de partilhar leituras, constituindo, assim, uma actividade pública visível. Não importa o título académico. Importa, sim, que se reúnam pessoas com um interesse comum - o gosto pela leitura - mesmo se provenientes de áreas distintas. Em suma, muito se aprende na partilha, pois há sempre, quem ainda não tenha lido determinado livro, ou concluído a leitura, outros que gostam de politizar, outros ainda que elaboram análises mais profundas sobre determinada obra e os que simplesmente escutam. Todos os amantes da leitura podem encontrar, neste ambiente, o seu lugar, quando em comum está o gosto, ou melhor, a paixão pela leitura. São grupos que partilham voluntariamente as suas leituras, de forma cíclica e contínua, como um hábito que lhes dá prazer e alegria.

Destarte, existem já, outros exemplos de referência pelo país. Na Póvoa de Varzim¹ realizam-se as Correntes d'escrita, na Biblioteca Municipal de Beja² realizam-se as Palavras Andarilhas, ainda em Beja, na Casa da Leitura promove-se amiúde o acto de ler. Muitas sessões, workshops, seminários e colóquios se realizam, do Minho ao Algarve em espaços públicos e privados.

Bom será, que se divulgue, em crescendo, e difunda pelas bibliotecas públicas, hoje, detentoras de boas instalações, qualidade e conforto muito convidativas a práticas de leitura atractivas.

¹ www.cm-pvarzim.pt/

² www.cm-beja.pt

2.4 - Literacia e Cidadania

O conceito de literacia é relativamente recente, porquanto importa caracterizar por via de diferentes autores o seu significado. Os novos tempos, por imperativos de desenvolvimento, também literário, trazem novos conceitos e terminologias.

Tempos houve em que se considerava a escolarização como suficiente para a redução do analfabetismo¹. As políticas em voga, instituídas pelos governos, foram direccionadas, no sentido de proporcionar a escolaridade obrigatória, à generalidade da população. Pretendia-se que o maior número de cidadãos tivesse acesso e frequentasse a escolaridade básica, facultando-se medidas orientadas para o efeito, instituindo-se planos de alfabetização e mesmo proporcionando o ensino recorrente, como forma de os adultos regressarem à escola. Oportunidades em crescendo, para todos aqueles, que, no seu passado, abandonaram a escola, se sentissem de novo, a ela atraídos. Aumentados, assim, os níveis de escolarização, convenciam-se governantes e governados, de que a alfabetização também se faria desta forma tornando os cidadãos mais instruídos e cultos. Ultrapassados estariam os atributos de países do terceiro mundo. No entanto, na realidade, verificou-se que apesar da longa escolaridade, os cidadãos detinham sérias dificuldades na interpretação de documentos escritos. Notou-se, na generalidade, uma ilusão da alfabetização pretendida, com significado apenas para as estatísticas, aparentemente positivas. De facto, o que mais importava quanto à leitura, escrita e cálculo era o seu domínio, que sendo reduzido, dificultava a integração e participação na vida activa e social em vigor.

Concluiu-se, portanto, que as aprendizagens adquiridas não foram suficientes; foram pouco substanciais e profícuas para a realidade prática e útil da vida como se pretendia.

Ora, o contemporâneo termo - literacia - surge como forma de traduzir as necessidades de utilização de competências de leitura, escrita e cálculo verificadas como inexistentes. Da alfabetização, enquanto ensino e aprendizagem, passa-se ao conceito de literacia, isto é, dar utilização a essas competências ensinadas e aprendidas como forma de continuar em formação para uma vertente que se pretende mais prática e real da vivência dos cidadãos, tornando-os mais capazes de enfrentar as exigências sociais, profissionais e pessoais com que se deparam.

¹ A Literacia em Portugal, 1996, p. 3-7.

De acordo com Ana Benavente (1996:5):

Define-se então literacia como: as capacidades de processamento de informação escrita na vida quotidiana. Trata-se das capacidades de leitura, escrita e cálculo, com base em diversos materiais escritos (textos, documentos, gráficos) de uso corrente na vida quotidiana (social, profissional e pessoal). (...) O conceito de literacia centra-se no uso de competências e não na sua obtenção, pelo que se torna mais clara a distinção entre níveis de literacia e níveis de instrução formal.

A literacia está fortemente relacionada com o conceito de leitura, na medida em que o ser humano apresenta o seu próprio nível de literacia consoante a forma como lê e vê o mundo. No conceito de literacia temos que considerar vários aspectos como; o perfil de literacia de uma população não é algo que possa ser considerado constante. Igualmente, o perfil de literacia não pode ser deduzido a partir dos níveis de escolaridade atingidos. A literacia não pode ser encarada como algo que se obtém, num determinado momento, e que se mantém permanente e constante. A literacia, não é algo estático pois que as competências de aprendizagem e conhecimento do cidadão evoluem ao longo da vida. Os níveis de literacia têm de ser vistos à luz da exigência da sociedade, num específico momento, e avaliadas as capacidades intrínsecas para o desempenho de determinadas funções sociais. O conceito em análise permite caracterizar a posição de cada individuo num processo contínuo de competências que passa pelas exigências sociais, profissionais e pessoais com que cada um se sente confrontado no seu percurso de vida. A literacia é, assim, entendida como um processo dinâmico, isto é, considera-se que as competências do cidadão neste domínio alteram-se tendencialmente por via da evolução das capacidades individuais ou por via da transformação constante da própria sociedade. Há que aprender e interpretar a realidade, no quotidiano, já que importa conhecer o mundo à nossa volta e estar muito atento à sua lógica de mudança. Esta situação pode ser condicionada pelos nossos conhecimentos, valores e situações vividas e sobretudo pelo sistema de ensino percorrido.

Ler está intrinsecamente relacionado com a inclusão social. Os analfabetos, no sentido literal do termo, e os analfabetos funcionais são cidadãos que sentem, frequentemente, o peso da exclusão social. Nitidamente este grupo com características atrasos de leitura, com problemas de comportamento e relacionamento interpessoal são evidentemente adultos com problemas anti-sociais e apresentam níveis de literacia muito baixos. A preocupação com a literacia é uma realidade internacional. Em Portugal procedeu-se à Proposta pelo Ministério da Educação do “lançamento de um programa de emergência para o ensino da língua e cultura portuguesa, de forma a aumentar os desempenhos na literacia” (ME,2001:48). É importante continuar a desempenhar esforços no sentido de elevar a educação, pois que é a base do desenvolvimento pessoal, social, nacional e transnacional.

A sociedade moderna necessita de cidadãos reflexivos, criadores, com opiniões críticas e activas perante as mutações sociais verificadas. Ora considerando a literacia como uma condição de cidadania importa discutir, analisar e debater profundamente o conceito para assim melhor se entender as condições sociais em que se confronta a sociedade multicultural hodierna. A noção de cidadania reforça a importância da literacia. Preencher um cheque, entender uma prescrição médica, saber consultar um horário de autocarro, pedir correctamente uma informação por forma a ficar esclarecido, tratar do IRS, saber calcular uma taxa de juro, procurar emprego através do anúncio de jornal, entre tantos outros, são pequenos grandes requisitos na vida de cada cidadão (Benavente e Rosa, 1996). Segundo (Sardinha, 2009:6):

“(...) a cidadania faz-se com cidadãos que se esperam conscientes e responsáveis, portadores de direitos e de deveres, capazes de exercerem uma cidadania aberta, reflexiva, participativa e em simultâneo autónoma.”

2.5 - A importância das Bibliotecas na Sociedade de Informação e Conhecimento

Promover a leitura, como temos vindo a defender, visa objectivamente inverter os rácios que nos colocam, enquanto país, na cauda entre os nossos congéneres europeus. Os dados estatísticos são demasiado vergonhosos, relativamente à frequência de alunos que frequentam as bibliotecas a par de alunos a ler, fora do contexto escolar. De acordo com o estudo *A Leitura em Portugal* de Santos, Neves, Lima e Carvalho, (2007):

Com efeito, quanto à população alfabetizada, com 15 e mais anos e residentes no continente, a frequência de bibliotecas é uma prática limitada a 17% (...) Quanto à população em idade escolar o estudo *Os Estudantes e a Leitura* revela que 60% refere ir a uma biblioteca fora da escola, sendo a biblioteca o equipamento mais referido para a ocupação dos tempos livres (13% nunca; 85% pelo menos uma vez por mês), mas, observada a ida a bibliotecas por grau de ensino. (...) Uma vez ou mais por mês cai abruptamente do 2º ciclo (48%) para o 3º ciclo (33%) e deste ligeiramente para o secundário (31%).

As bibliotecas públicas devem ser agentes activos de promoção de leitura. Nelas se desenvolvem projectos e actividades de relevante interesse na educação para os hábitos de leitura. “Não devemos ensinar grandes livros; devemos ensinar o amor pela leitura.” (B.F. Skinner). As bibliotecas, um pouco por todo o país, têm vindo a desenvolver uma intervenção particularmente activa na promoção da leitura. Os equipamentos e instalações de boa

qualidade, aliados ao empenho dos profissionais, deverão contribuir para a formação de leitores. Através de diferentes parcerias, optimizam-se recursos, visando um comum objectivo no que à difusão e promoção do livro diz respeito. Sendo de realçar, as profícuas relações estabelecidas que têm permitido o acesso aos mediadores da leitura de excelente desempenho profissional. Citando Lúcia Jorge, (A Casa dos Livros, 2001):

“Essas novas bibliotecas foram-se tornando centros modelares de contacto entre os leitores e os livros, os leitores e os autores, o que deu a certeza de que uma coisa nova estava a acontecer. E assim foi.”

A Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas lança anualmente um conjunto substancial de acções variadas, interessantes e oportunas, que coloca à disposição das bibliotecas. Na prática, corresponde a uma carteira de acções que, após solicitação por preferência, pode ir até quatro eventos por biblioteca. Trata-se de um documento cuja revisão anual espelha o elevado nível dos profissionais envolvidos. Mormente, desde o Plano Nacional de Leitura que as bibliotecas públicas são anualmente abrangidas. Estes programas têm constituído, entre outros factores, para um forte impulso das acções de promoção nacional da leitura. Verificamos em (Tecnologias da Informação e Comunicação:3):

Para o efeito, a Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas apoia técnica e financeiramente os Municípios na criação e instalação de Bibliotecas Municipais e desenvolve serviços para as bibliotecas e para os cidadãos em geral, com recurso às tecnologias da informação e comunicação.

Insere-se numa área de trabalho, que conta, actualmente, com três principais instituições promotoras da leitura, em que nelas é comum o envolvimento das bibliotecas públicas, desde 2006; que são a Direcção-Geral do Livro e das Bibliotecas, o PNL e a Fundação Calouste Gulbenkian.

Citando Casimiro de Brito (A Casa dos Livros, 2001): “Uma biblioteca é também criação e recriação permanentes do mundo pessoal e labiríntico de cada um de nós, que sempre é outro depois de cada leitura, depois de cada aventura.”

O Programa Nacional de Promoção da Leitura surgiu em 1997, pelo então Instituto Português do Livro e da Biblioteca, como forma de colmatar uma lacuna verificada entre 1987 e 1995, em que o investimento em infra-estruturas não foi acompanhado do investimento em conteúdos culturais. Tem sido enorme o esforço de acompanhamento e actualização de conceitos, não apenas no que se refere ao alargamento da aplicação das carteiras de acções a todas as bibliotecas municipais e não somente às integrantes da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, como também quanto ao número de acções de formação disponibilizados.

Relativamente ao uso das novas tecnologias, verifica-se, também, uma nítida evolução positiva porquanto a DGLB criou o portal da Rede de Conhecimento das Bibliotecas Públicas onde se disponibiliza informação de vária ordem, quer de relevante interesse para profissionais como demais interessados. Tem disponível uma base de dados de projectos continuados e serviços de leitura em agenda desenvolvidos e divulgados pelas bibliotecas.

Como refere António Torrado (A Casa dos Livros, 2001):

As luminosas bibliotecas da rede pública de leitura, cada vez, em maior número por todo o país, são o indício de que alguma coisa mudou, está a mudar, neste humilde cantinho. Bem equipadas, humanamente bem equipadas por gente bonita e feliz, dão prazer e não apenas o prazer da leitura.

Por via do PNL, ainda na primeira fase compreendida entre os anos 2006 e 2011, reconhece-se como promotor da leitura, por excelência, a nível nacional. As comunidades leitoras gozam

de sintonia com o tema deste trabalho, cuja referência constitui um dos principais objectivos do programa - promover a leitura. A par, desenvolvem-se competências em diferentes contextos, incluindo as bibliotecas públicas. Como refere José Saramago (A Casa dos Livros, 2001):

Nisto estava, crendo não ter mais para ver, quando o meu guia me fez entrar numa espécie de caverna armada a um lado do grande salão de leitura. “É isto?”, perguntei. “Os miúdos gostam de vir ler para aqui”, responderam-me enquanto entrávamos curvados. Não duvidei, na verdade eu próprio tive vontade de pedir um livro e estender-me naqueles coxins, como se estivesse dentro de um ovo, com um céu de pano por cima da cabeça, esquecido da conferência, resolvido a começar a aprender tudo outra vez, desde o princípio.

É, assim, que podemos construir uma sociedade nova de leitores interessados, atentos e cientes, que tudo se pode atingir com esforço, trabalho e dedicação. Nada se constrói sem trabalho. Haja boas ideias, boa disposição e saltares relações humanas, pois que o trabalho em grupo e partilhado resulta sempre, muito melhor, do que isoladamente.

Como alavanca para o desenvolvimento de actividades de leitura com as escolas e bibliotecas, é atribuído, estrategicamente, um papel fundamental às Redes de Bibliotecas Escolares e Rede Nacional de Bibliotecas Públicas. São exemplo desse envolvimento a Semana da Leitura, o Concurso Nacional de Leitura, as feiras do livro, encontros com escritores, colóquios, entre outros. Parafraseando Francisco José Viegas (A Casa dos Livros, 2001):

As bibliotecas são como os próprios sonhos: se se recordam é porque são realmente importantes. E, se são realmente importantes é porque, de alguma forma, transformaram a nossa vida, ou perturbaram-na, ou tocaram-na em algum lugar.

É competência do PNL proporcionar formação e actualização de conhecimentos aos agentes que intervêm na promoção da leitura, sejam bibliotecários, professores, educadores, contadores de histórias, ou outros profissionais que desempenhem funções neste âmbito. Como faz referência o Relatório de Progresso (PNL, 2007:8):

Tem por objectivo sensibilizar e mobilizar a sociedade civil para a necessidade de envolvimento e de conjugação de esforços que contribuam para o aumento dos níveis de literacia da população, através da divulgação do que de válido se está a realizar no país.

De acordo com o Manifesto da UNESCO, sobre Bibliotecas Públicas (...), foi publicada legislação que viabilizava o estabelecimento de contratos-programa entre o então Instituto Português do Livro e da Leitura (actual DGLB) e os municípios para execução de uma política integrada de desenvolvimento da leitura pública, no quadro da rede de bibliotecas municipais. É imperativo, no âmbito das linhas orientadoras da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas a referência à importância de que a biblioteca pública disponha de demais valências, para além da leitura propriamente dita, e possa ser utilizada pela comunidade envolvente para acções de formação especializadas, conferências, encontros, exposições, entre outros. Conforme defende Escribano (2002:81):

Ora a animação da biblioteca e a promoção da leitura podem constituir um enorme peso no impacto com os utilizadores da biblioteca e a população em geral. Pretende-se que as actividades daí decorrentes contribuam para aproximar as bibliotecas da comunidade. Constituem acções de promoção da leitura, nomeadamente competências de alfabetização, tendo em vista o acréscimo dos níveis de literacia e o enraizamento de hábitos e gosto pela leitura, quer como prática cultural, quer como de lazer, isto é animação de leitura.

Segundo o regulamento de 2008, do Concurso de Apoio a Projectos de Promoção da Leitura em Bibliotecas Públicas da FCG:

Os projectos de promoção de leitura são projectos que, de um modo continuado, pretendem aproximar o livro dos potenciais leitores, criando uma relação entre as acções a desenvolver e o público-alvo, transformando-o em sujeito activo,

numa tentativa de, assim, formar leitores e diminuir, a médio e longo prazo, os níveis de iliteracia.

As bibliotecas públicas têm, então, por missão, desenvolver projectos de promoção da leitura. Quando o público-alvo desses projectos está ao nível das crianças e jovens até aos quinze anos de idade, as famílias devem estar activamente envolvidas. Mais, ainda, devem possuir os seguintes requisitos e objectivos: leitura voluntária, continuada e descolarizada; leitura completa de obras; adequação das obras aos interesses das crianças e ao seu desenvolvimento cognitivo; desenvolvimento de actividades lúdicas que estimulem e reforcem os hábitos de leitura e aprofundem a compreensão. Quando, por outra via, o objectivo é recuperar leitores, nomeadamente adultos, a promoção da leitura é distinta da animação. Consideram-se, então, acções em que a leitura é secundária ou está ausente; como sejam acções de divulgação e informação, exposições, visitas de escritores, feiras do livro, acções lúdico-festivas como teatro de fantoches, dramatização de textos, actividades plásticas, entre outras. (Prole, s/ data).

Existem ainda outras definições de diferentes autores sobre os conceitos de animação de leitura, promoção de leitura e público-alvo. Importa reter que a realização de actividades, por parte da biblioteca, e/ou do município, no seu departamento cultural pode encontrar diferentes propósitos e objectivos: uns no âmbito da animação, outros na promoção da leitura. Cerezuela, 2006 (2004); Thiry-Cherques, (2006):

As bibliotecas têm ainda outros conceitos distintos relativamente aos seus projectos e actividades, cujo significado é distinto. Por projecto entende-se uma organização transitória implicando um planeamento de acções pretendendo-se alcançar um resultado específico, tendo em conta *timings* e meios humanos e materiais pré definidos. Já por actividade entende-se uma rotina administrativa das actividades normais das organizações.

As bibliotecas públicas têm-se imposto com enormes alterações e desenvolvimento nas últimas duas décadas. As autarquias, naturalmente, com os apoios sucessivos dos diferentes governos têm concedido às bibliotecas o reconhecimento e consideração que merecem. Edifícios históricos foram melhorados ou adaptados, ou foram construídos edifícios de raiz, um pouco por todo o país. Estas novas bibliotecas implicaram a reformulação de equipamentos, formação de pessoal, reciclagem profissional e modernização de colecções. Actualmente, há bibliotecas que funcionam como centros de apoio à comunidade, o que também é um facto extraordinário. A biblioteca pública é como uma universidade para todos. Funciona como um complemento ao serviço educativo. É portanto, necessário, investir na educação sempre. Ao nível das comunicações, a que a sociedade hodierna nos obriga, à constante actualização, verifica-se que o uso das novas tecnologias assume uma função

elementar nas bibliotecas. O mundo das novas tecnologias está numa constante mudança, mas a prioritária consiste em adaptar os serviços existentes a estas tecnologias, de forma a continuarem a desempenhar funções activas de relevo na sociedade. É importante que se encontrem as formas mais adequadas para o bom uso das tecnologias da informação, a bem das necessidades sociais. Aos bibliotecários públicos compete a orientação dos seus utilizadores, mais pela via da informação, dos que, pela das tecnologias. Quanto à biblioteca pública esta tem por missão a preservação do direito dos cidadãos à informação e às ideias, mormente quando se verifica que o poder de compra dos cidadãos diminui muito o que naturalmente se manifesta na redução de aquisições na área das novas tecnologias. Desta forma, entende-se que as câmaras e bibliotecas municipais, entre outras organizações educativas locais, podem fornecer um excelente contributo, enquanto parceiros na instituição das comunidades leitoras, estimulando para a promoção da leitura. Das parcerias estabelecidas, resultam melhores competências, não apenas leitoras, mas também enquanto espaços de diálogo inter cultural e valores pessoais e profissionais que se partilham. Os bibliotecários devem conceder aos seus leitores particular atenção e propor leituras. É nesta relação próxima, entre bibliotecário e leitor que se pode aprofundar a psicologia dos públicos, aconselhar e propor o mais conveniente, face aos gostos e capacidades. Desta metodologia, aparecem os catálogos para diferentes tipos de leitores, fruto do cruzamento de estudos com os livros publicados. Citando Carlos Reis (A Casa dos Livros, 2001): “Na memória de quem lê há sempre um livro especial e mesmo, nalguns casos, uma biblioteca inesquecível.”

A sociedade de informação no contexto da comunidade leitora de Lafões que se pretende instituir faz todo o sentido, porquanto permite a utilização das imensas tecnologias actuais disponíveis para um desempenho de crescente qualidade. Entre muitas vantagens, como se irá apresentar, destacamos a videoconferência, já que permitirá, em simultâneo, a participação, de intervenientes independentemente do local, nacional ou não, em que se encontrem. De acordo com “Orientações para a Criação de uma Rede de Catálogos PCCRBE¹ (2008,1):

“As mudanças tecnológicas operadas nos últimos anos, com a disseminação das tecnologias de informação e da comunicação, fazem com que as Bibliotecas Escolares assumam como parte da sua missão o fornecimento de informação digital, informação esta que ultrapassa os limites físicos das bibliotecas.”

¹ PCCRBE - Programa para a Criação de Catálogos Colectivos da Rede de Bibliotecas Escolares

A sociedade da informação e do conhecimento coloca o cidadão, *urbi et orbi* em permanente desafio, onde o conhecimento, a linguagem e a informação são os elos fortes de um presente pautado pela formação contínua, a exigir eficiência profissional, abrindo caminhos para a difusão de novos saberes. A sociedade de informação está a constituir um desafio, que enfrentado com determinação e adequado ao país, trará profundas mudanças daí resultantes. As manifestações da sociedade de informação rodeiam o nosso quotidiano, afectam o comportamento das organizações e influenciam o pensamento estratégico das nações.

Trata-se, essencialmente, de um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas desempenham um papel central na actividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais. A sociedade de informação corresponde, por conseguinte, a uma sociedade cujo funcionamento recorre crescentemente a redes digitais de informação.

Esta alteração do domínio da actividade económica e dos factores determinantes do bem-estar social é resultante do desenvolvimento das novas tecnologias da informação, do audiovisual e das comunicações, com as suas importantes ramificações e impactos no trabalho, na educação, na ciência, na saúde, no lazer, nos transportes, no ambiente, entre outros.

Consta ainda nas “Orientações para a Criação de uma Rede de Catálogos PCCRBE” (2008, 2):

A necessidade das bibliotecas actuarem como uma porta de acesso ao mundo da informação, tornando-os acessíveis a todos, contribuindo dessa forma para a criação de uma igualdade de oportunidades. A participação em redes electrónicas é, então, o meio apontado pela IFLA para permitir o acesso à informação, local e remotamente, sem restrições de horário.

Uma das abordagens mais correntes considera que a transição da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial é uma mudança ainda mais radical do que foi a passagem da sociedade pré-industrial para a sociedade pós-industrial, não serão nem a força muscular que liderarão a evolução, mas sim o domínio da informação. Nesta óptica, os sistemas da sociedade, humanos ou organizacionais, são basicamente pensados como “sistemas de informação.” As tecnologias da informação e das comunicações são já parte integrante do nosso quotidiano: invadiram as nossas casas, locais de trabalho e de lazer; oferecem instrumentos úteis para as comunicações pessoais e de trabalho; para o processamento de textos e de informação sistematizada; para o acesso a bases de dados e à informação

distribuída nas redes electrónicas digitais; para além de se encontrarem integradas em numerosos equipamentos do dia-a-dia, em casa, no escritório, na fábrica, nos transportes, na educação e na saúde. A sociedade de informação assume uma importância crescente na vida actual, ao introduzir uma nova dimensão no modelo das sociedades modernas. Os computadores fazem parte, indispensável, na vida individual e colectiva e a internet e o multimédia estão a tornar-se omnipresentes. Contudo, tal como a rádio não substitui os espectáculos ao vivo, a televisão não faz as vezes da rádio, o cinema não faz desaparecer o teatro, mas simplesmente acrescentar as suas capacidades adicionais ao leque das opções disponíveis. Há também a percepção e o fenómeno de turbulência provocado pela sucessiva introdução de novas tecnologias. O tempo individual e colectivo é acelerado, impondo reajustamentos de valores e de comportamentos, devido à obsolescência de anteriores paradigmas elaborados sobre uma base tecnológica diferente. O atraso ou recusa desses ajustamentos, algo natural em resultado da inércia social, corresponderão a um menor crescimento económico e a um decréscimo do bem-estar.

A consciência dos desafios e das oportunidades da sociedade de informação tem vindo a ganhar ímpeto e peso na sociedade portuguesa. Estamos já a ocupar os lugares de vanguarda na nova sociedade global, baseada na informação e no conhecimento através das redes electrónicas digitais. Estamos ao nível dos nossos parceiros da União Europeia e das restantes economias mais desenvolvidas do mundo no que se relaciona com os benefícios para os cidadãos. No entanto, é importante continuar a desenvolver este importante desafio, reduzindo e minimizando as disparidades em relação aos países com quem competimos na economia global. A sociedade de informação é uma sociedade para todos. As tecnologias da informação influenciam os mais variados domínios da vida em sociedade, sendo que as suas aplicações percorrem o espectro dos grupos sociais. Há barreiras a transpor, oportunidades a explorar e benefícios a colher, mas o carácter democrático da sociedade de informação deve ser reforçado. Por isso, não é legítimo abandonar os mais desprotegidos e deixar criar uma classe de info-excluídos. É imprescindível promover o acesso universal à info-alfabetização e à info-competência. O acesso à informação e conhecimento deve estar assegurado sem discriminações de origem social. É igualmente necessário aceitar a responsabilidade social para com os cidadãos que, por razões de natureza diversa, requerem consideração especial para não ficarem excluídos dos benefícios que aquele pode oferecer. Isto pressupõe que computadores e redes electrónicas estejam acessíveis em locais públicos, nas escolas, em bibliotecas e arquivos e nas instalações autárquicas por forma a evitar a exclusão de todos os que não dispõem de condições de acesso no lar. Trata-se já de uma verdadeira revolução em curso, na sociedade portuguesa. Em “Rede de Bibliotecas Escolares” (2008,2):

“(…) concebidas como centros multimédia, disponibilizando aos utilizadores os recursos necessários à leitura, ao acesso, utilização e produção da informação em diferentes suportes, desempenhando um papel central na aquisição e

desenvolvimento de competências de informação e na formação de leitores (...) articula com outros serviços do Ministério da Educação e com as autarquias, particularmente através das Bibliotecas Municipais, no sentido de criar ou desenvolver as bibliotecas escolares.”

Se quisermos retirar o melhor dessa revolução, não poderemos deixar o seu desenvolvimento exclusivamente às forças de mercado, nem pressupor que esses objectivos são alcançados meramente pela via legislativa ou pelo controlo político e administrativo. A única via para se conseguir o tipo ambicionado de desenvolvimento integral, com respeito pelos valores da democracia e da igualdade de oportunidades, é através do diálogo e da cooperação entre o cidadão, as empresas e o Estado. Todos os intervenientes devem ser auscultados, devendo poder participar na definição do caminho para as novas formas de organização e da vida em sociedade que são impulsionadas pelas profundas transformações em curso. Desse movimento, têm de fazer parte as empresas, os seus trabalhadores, os professores, os jovens que estão no sistema de ensino, os idosos, os responsáveis políticos a nível nacional, regional e autárquico e acima de tudo os próprios cidadãos em geral.

As novas tecnologias de informação e comunicação têm enormes potencialidades, em diversas áreas, também possíveis de usufruir na comunidade leitora de Lafões, ao facilitarem o exercício de direitos fundamentais, proporcionando acesso directo à informação e novas modalidades de diálogo social, tanto à escala nacional como regional e local. Com efeito, melhoram as condições de participação dos cidadãos na tomada de decisões, abrindo novas dimensões à liberdade de expressão e a todos os direitos de intervenção democrática. Dão, igualmente, aos órgãos de poder novos instrumentos de relacionamento directo com os cidadãos, reforçando a transparência, prestando novos serviços, contrariando discriminações sociais e regionais, viabilizam importantes modalidades de intervenção na esfera internacional, designadamente no mundo lusófono. No entanto, nenhuma destas potencialidades pode efectivar-se sem uma nova atitude e uma nova cultura de utilização e fruição dos instrumentos da sociedade de informação. Daqui, resulta serem cruciais acções de mobilização da participação pública e de formação dos cidadãos, como, aliás, frequentemente já acontece, através de estruturas de apoio, com grande preocupação de proximidade em relação às populações como por exemplo² os espaços internet, os centros de recursos, disponíveis em horários alargados de funcionamento, em zonas do interior ou mesmo rurais como as *ecoaldeias* onde é possível aceder à internet.

² www.ipj.pt

O sector público e o sector privado têm um enorme poder de influência na missão de assegurarem as indispensáveis oportunidades de educação, formação e aprendizagem dos seus colaboradores, ao mesmo tempo que estão a contribuir para um esforço acrescido de promoção e de divulgação das transformações em curso, baseado numa compreensão profunda desta nova sociedade. Quase na generalidade, os jovens em idade escolar estão a beneficiar do acesso à informação disponível nas redes digitais e dos poderosos instrumentos para processamento de texto, imagem e som, nomeadamente através de aplicações multimédia, jogos e aplicações interactivas, que combinam o entretenimento com a aprendizagem, o lazer com o desenvolvimento de capacidades intelectuais e de melhoria de reflexos, a imaginação com a partilha de experiências com outros grupos de interesses similares espalhados pelo mundo, o trabalho individual com a interactividade sem fronteiras e a criatividade com as ferramentas para a sua concretização em realidade virtual. Podemos constatar em “Lançar a Rede das Bibliotecas Escolares” (2008,13): “(...) multimédia, livros, programas informáticos, periódicos, revistas, vídeo e áudio, diapositivos, filmes, CD-Rom, etc.”

A aquisição de conhecimento está hoje a transformar-se, partindo de um estágio em que se privilegia a memorização de informação com carácter estático, para uma nova postura de pesquisa dinâmica de informação em suportes digitais, servindo de apoio à construção de componentes de conhecimento em permanente evolução. Os jovens são naturalmente elementos activos desta transformação, além de serem os principais beneficiários. Demonstram, aliás, grande apetência pela participação nas actividades que decorrem da alteração das regras de aprendizagem e evidenciam frequentemente uma maior capacidade de adaptação aos novos meios que não encontramos em muitos adultos em condições semelhantes.

À medida que as interfaces se vão tornando mais conviviais também os mais velhos descobrem o prazer da interactividade com aqueles que partilham interesses semelhantes. As entidades organizadoras vão criando, um pouco por todo o lado, acções de formação e discussão, autênticas comunidades informáticas onde a troca e partilha de experiências permitem tirar partido de uma maior disponibilidade resultante de terem atingido o termo da sua vida profissional activa. São exemplo³ as universidades seniores, os ateliers ao longo do ano, as formações em espaços multimédia, formações financiadas, formações à medida, entre outros.

³ http://microsites.juventude.gov.pt/Portal/Formacao/Formacaosenior/tic_senior.htm

Os dirigentes das instituições privadas de solidariedade social enfrentam o desafio de fazer chegar os benefícios dos poderosos meios de aprendizagem e entretenimento proporcionados pela sociedade de informação aos cidadãos que se encontram sob a sua responsabilidade, contribuindo para o seu bem-estar e para uma melhor adequação à sociedade envolvente. Tem-se verificado, nos mais recentes governos, a responsabilidade de encontrar as melhores opções para que a sociedade de informação se materialize em moldes úteis aos cidadãos, contribuindo para que Portugal se posicione no contexto internacional em lugar de relevo na tabela dos países tecnologicamente desenvolvidos. Tal objectivo dotará o país da capacidade de se apropriar em tempo útil das vantagens decorrentes de estar na vanguarda da nova organização da sociedade.

Esta será a via para que as empresas portuguesas consigam ser competitivas numa economia globalizada criando a riqueza necessária à preservação da nossa identidade cultural e linguística. Entretanto os próprios cidadãos têm a responsabilidade inalienável de através das suas acções e opções moldarem o seu futuro, neste novo contexto. Têm que exercitar o seu poder de escolha sobre o caminho de desenvolvimento desta nova sociedade, acompanhando e avaliando, com interesse construtivo, o potencial das novas oportunidades e riscos que esta gera, não descurando a apropriação dos seus benefícios através do sistema educativo e da formação contínua.

As tecnologias da informação⁴ e da comunicação abrem perspectivas à sociedade do futuro. Já hoje a informação, uma vez produzida, circula instantaneamente, pode ser recebida, tratada, incorporada em esquemas lógicos, científicos e transformada por cada um de nós em conhecimento. Vivemos numa sociedade onde para além das escolas, das bibliotecas, dos laboratórios, proliferam novas fontes de recolha de conhecimento quer nas empresas quer nos centros de investigação e experimentação, de estudo, de consultoria, de inovação e de desenvolvimento.

A informação acumula-se em bancos de dados acessíveis e o seu tratamento rápido e sofisticado tornou-se possível. A digitalização das bibliotecas, dos centros de documentação, arquivos e museus, possibilita hoje uma difusão rápida, através de novas tecnologias da informação e do conhecimento acumulado, anteriormente só acessível a elites. É esta sociedade cognitiva a cuja construção assistimos. Contudo, a democratização da sociedade do futuro passará pela possibilidade da grande maioria da população ter acesso e pela capacidade real de a utilizar. Se ao invés, esta condição não se verificar, pode tornar-se um poderoso factor de exclusão social.

⁴ FDTI - Fundação para a Divulgação das Tecnologias da Informação

“A biblioteca escolar deve dispor de instalações para sua utilização exclusiva, de fácil acesso e adequado às suas funções, que são essencialmente as seguintes: trabalho técnico documental, serviços de referência, exposição de documentos, circulação, produção, animação e gestão do serviço. Para desempenhar as suas funções a biblioteca escolar deverá organizar-se em vários espaços interligados. Os principais constituem em sector de Leitura, Visionamento e Audição e um Sector de Produção⁵.”

Conjugar informação, criatividade, tecnologia e demais sinergias tendo em vista a disponibilização de serviços e aplicações multimédia inovadoras é um facto que está a alterar radicalmente os modos de comunicar, aceder, criar e controlar informação. A digitalização da informação, a qual se encontrava na maior parte das situações em formato analógico, bem como as avançadas capacidades de processamento, compressão e armazenamento da informação, disponibilizam, hoje, o seu acesso ao utilizador de uma forma eficaz e interactiva. Também os computadores apresentam cada vez melhores desempenhos ao nível do hardware e software, tornando a indústria da informação uma das mais dinâmicas, poderosas, rentáveis e promissoras do final do século passado.

Ao encurtar as distâncias, ao possibilitar a participação activa de cada indivíduo, bem como ao abrir as portas a novas formas “on-line” de trabalho, de diversão, de estudo, de acesso à saúde, de acesso à cultura, de contacto com a administração pública, de realização de transacções comerciais e financeiras, de participação no processo político, de relacionamento com os outros, a sociedade de informação é potenciadora de uma alteração radical da vida de cada um. No que se refere à educação e à formação as novas tecnologias possibilitam a passagem do ensino tradicional para a auto-aprendizagem permanente, baseada largamente na descoberta interactiva multimédia, desde os primeiros anos de vida da criança, alterando-se o papel do professor tradicional, de apresentação da informação para guia de acesso à informação.

⁵ Lançar a Rede das Bibliotecas Escolares, 2008:19

2.6 - Influências da Leitura Orientada

Há opiniões, como as de Pennac, que garantem mesmo que quando lemos somos diferentes e que a nossa vida é mais influenciada pelos livros que lemos do que pelas pessoas que conhecemos, naturalmente que se aplicará para aqueles que de facto lêem bastante. Nos livros e na escrita há todo um desenvolvimento de capacidades, na pessoa que escreve, que supera e surpreende os seus próprios limites e os da sua própria cultura. Porquanto ler significa poder transcender os conteúdos imediatos inerentes aos factos, às situações e às experiências elevando para um nível superior de fantasia, irrealidade, subjectividade, particularmente proporcionado pelas palavras. Na verdade há leituras com finalidades educativas, no entanto não se restringem ao conhecimento. No processo de escuta de leituras, o acto de ouvir exige esforço de concentração, no entanto todos precisamos de saber ler e ter vontade própria para o fazer.

A leitura orientada e acompanhada faz parte da experiência humana, nem que seja pela socialização com os demais, possível pela linguagem que partilhamos e nos une. Essa linguagem cuja evolução foi determinante, pela passagem da fala para a invenção da escrita. Segundo Dewey (1995: 237):

Quando é a literatura que proporciona o material de estudo em vez da natureza e da sociedade contemporâneas, os métodos devem adaptar-se para definir, comentar e interpretar o material recebido, mais do que para adquirir, descobrir e inventar. E, no fundo, aquilo a que se chama escolasticismo é a formulação e aplicação franca e consequente dos métodos que melhor se adaptam à instrução quando o material desta se recebe já realizado e não como algo que os estudantes têm de encontrar por si mesmos.

A experiência da leitura transporta para outras experiências sobre o contexto envolvente e facilmente se atingem outros mundos sem nos deslocarmos. A leitura transcende o âmbito pessoal, das relações interpessoais, permitindo ainda o desdobramento dos sentidos no interior de cada um, proporcionando um mundo mental e imaginário em tudo diferente daquele gerado pela oralidade. Na perspectiva de Sacristán (2002:65):

Ao escrevermos e lermos, vivemos uma experiência em que adoptamos uma atitude semelhante a repousarmos o olhar sobre o texto, pararmos sobre o que queremos dizer a propósito do que o texto nos sugere, relacionarmos com outros conteúdos, extrairmos consequências, isto é, reflectir.

Entender a função globalizante ou universalizante da educação tem em si seis consequências determinantes, pois que toda esta metodologia utiliza como instrumentos principais a escrita e a leitura isto é a *lectoescrita*.

Quanto à primeira consequência “Modos de comunicar e modos de pensar: a universalidade ao nosso alcance”; quando alguém que lê um específico autor ou matéria naturalmente que crescem novos significados propícios à partilha; se ao invés a leitura é apresentada como insignificante, porque inculcada por obrigação, pois naturalmente, quer a leitura quer o autor tornar-se-ão indiferentes, não repercutindo sentimentos afectivos ou outros. A particular experiência moderna da leitura permite criar novos laços entre os seres humanos sem necessariamente serem criados contactos directos, por via de conhecimentos ou de saberes, práticas de reflexão ou de desejos e afectos.

Quanto à segunda “O apoio para uma outra identidade: a autonomia intelectual”; pode induzir-nos para aquelas experiências resultantes da leitura que constituirão a partir de então referências acopladas à identidade de cada um, pois o ser humano acredita em si mesmo de acordo com as leituras que elabora e, desde então, constituem experiências determinantes e marcantes no percurso de cada um. Para Gimeno, (2000):

Note-se que existem diversas formas de ler, de forma que o valor concreto das experiências assim adquiridas depende muito da conjunção do contexto em que lemos, da existência de diversos materiais que possamos ler e da finalidade com que o leitor se aproxima dos textos.

A experiência proveniente do acto de ler só é de facto autêntica e relevante quando é deveras interessante e nos sentimos de tal modo implicados com o que lemos. No processo de educação, a obrigatoriedade de ler enquanto situação de doutrinação, só é aceite, se se revestir de estratégias que conduzam os sujeitos ao descobrimento do significado do acto de leitura voluntária e atractiva. Colocada a tónica no sentido da leitura, o exercício oriundo é do domínio próprio e individual de cada um, sentindo-se cada qual como agente activo que reflecte, ainda que, com limites impostos e pela compreensão que as pré-leituras nos indicam. Há como que um diálogo do pensamento entre o sujeito que lê em nome do que o autor profere e pensa e o sujeito que interpreta e assume o que lhe sugere determinada leitura.

A terceira consequência da função globalizante da educação “A aprendizagem da disciplina do rigor”; como refere Gadamer (1998: 84) “A arte de escrever não é mais do que obrigar o outro a compreender.”

Segundo Fichte (2003:73): “Ler obriga o leitor a reproduzir no seu interior a ordem de pensamento com os quais entra em jogo.” Por isso, a leitura para o conhecimento requer atenção, apreensão da sucessão espaço-temporal dos parágrafos e das páginas, enquanto o conhecimento, tal como sugere Birkets (1999: 161): “(...) se vai depositando em sucessivas camadas de acordo com a nossa maneira tradicional de conceber a história.”

A escrita requer disciplina nos aspectos gramaticais sintácticos e semânticos. É imprescindível ler e reler para que se certifique que foi dito realmente o que se queria. Trata-se de um exercício que obriga a uma ordem, sossego ao alinhamento do pensamento ordenado com esforço e rigor.

Relativamente à quarta “Diferenciação individual e flexibilidade do cânone cultural”; o acto da leitura é sempre a interpretação de um determinado significado pretendido, que se subentende no texto e que é traduzido por quem lê. A capacidade de diferenciação encontra-se não só na variedade do que pode ser lido como ainda na variedade das experiências permitidas pela finalidade da leitura. Existe leitura para doutrinas, leitura para informar, leitura para adquirir formação, leitura de distração. Demonstra Gimeno (2002: 75) que:

A alfabetização, as atitudes e motivações perante a leitura, as condições em que esta pode ser exercida e a disponibilidade de materiais para a leitura (pelo conhecimento de idiomas e o acesso aos livros) serão condições para que um dado indivíduo se torne dono do capital cultural disponível. A escolaridade prolongada e universalizada (nos locais onde se tornou realidade) contribuiu para a criação de um novo público, diversificado, para a leitura de uma enorme variedade de textos (nos locais onde eles estão disponíveis). (...) A escola não é o único espaço e tempo em que se lê e lamentavelmente não é frequente que provoque as melhores experiências de leitura, nem que estas sirvam para uma individualização subjectiva da cultura... o hábito de leitura expressa-se em ambientes tempos e espaços que já não são exclusivos das instituições escolares. Os temas adaptam-se aos segmentos emergentes do público leitor, que adquirem uma representação do mundo como sendo um puzzle de retalhos desordenados.

Segundo Petrucci (1998: 547): “a escola já não é a única nem a mais importante agência de expansão da prática da leitura, mas pode e deve continuar a ser o lugar de apoio a um tipo especializado de leitura.”

Actualmente, a oferta literária é de tal forma imensa que a dificuldade está em saber distinguir o que ler em qualidade. No que ao processo de educação escolar diz respeito, as

escolas deverão ser capazes de seleccionar os materiais de leitura, por forma a serem transversais nos vários conteúdos, cabendo posteriormente aos alunos a capacidade de delinear os seus objectivos de leitura. Esta dimensão cresceu de tal forma que hoje a dificuldade maior está ao nível do tempo disponível para as leituras e não na oferta. É certo que temos mais público leitor, mas a suas exigências de leitura são menores devido à elevada oferta existente.

Relativamente à quinta consequência universalizante da educação “Ler ou não ler, escrever ou não escrever: novos mecanismos de classificação social ou de exclusão”; uma das divisões sociais determinantes nas sociedades modernas é condicionada pela faculdade de saber ler/escrever ou pela incapacidade de ambas. Alfabetizados e analfabetizados são naturalmente incluídos ou excluídos da sociedade respectivamente. No actual quotidiano de crianças e jovens, o seu processo de escolarização utiliza em abundância os livros, sendo determinante a sua leitura tendo em vista novas aprendizagens para a constituição de uma juventude e sociedades novas.

Quanto à “Lectoescrita e a mestiçagem cultural”; a escrita, a imprensa e a comunicação têm fomentado em crescendo a transição da cultura nos sucessivos tempos. Defende Sacristan (2002:79):

Estas são as novas possibilidades para a experiência que a invenção da escrita nos trouxe, com projecções históricas determinantes a partir da imprensa, e convertidas numa característica antropológica universal com a alfabetização levada a cabo através da escolarização generalizada. O engrandecimento do livro como ferramenta cultural é um marco no desenvolvimento das sociedades modernas, configurando um tipo de sociedade, um sentido e um ideal de cultura e de ser humano culto, ao serviço do qual a escolarização deveria ser uma alavanca essencial, cujo zénite se situa entre o século XIX e a primeira metade do século XX, período que coincide com a consolidação das políticas de alfabetização e de escolarização massificadas.

Na era actual, em que a lectoescrita parece ter atingido o auge, Sacristán considera que se está a dar início a transformações sem que se augure o seu término senão pelas esperanças e temores. “Uma sociedade alfabetizada mas que lê pouco é um alarme para o ideal de pessoa culta formulado sob os auspícios da modernidade, que anuncia uma sociedade sem pensamento ou com outros modos de pensar.”

As novas tecnologias, no seu uso pleno, não vão conduzir à perda da leitura, aliás algumas permitem outras formas de ler e escrever. Estas são as novas ferramentas, no mundo

moderno, a que se pode aceder atendendo ao livro como símbolo da cultura, podendo ser descoberto de forma reflexiva.

2.7 - Formação de Leitores e Perfil do Mediador de Leitura

Na senda do objectivo que se pretende, isto é formar leitores críticos, competentes e reflexivos segundo Verónica Pontes e Lúcia Barros (2007:69), a tónica fundamental deverá ser orientada para o prazer de ler. O promotor de leitura terá como tarefa primordial devolver o prazer da leitura trabalhado em contexto escolar. As autoras referidas propõem mesmo um método prático, fundamentado com propostas reais, a colocar em prática entre professores e alunos por forma a atingir o objectivo que se pretende; leitores críticos, competentes e reflexivos. O que de facto importa é inverter o que tem sido incutido na história da educação e ensino, na medida em que ler deve significar prazer e fruição a desfrutar pelos alunos.

Num exercício prático de leitura, o que se pretende é que o aluno a partir de um texto, leia o que o circunda, leia o mundo, retire daí diferentes interpretações e análises, desvenda significados deduzidos ou inventados mas que o explore por inteiro. Este exercício de leitura permitirá ao aluno estabelecer uma relação com o texto muito mais abrangente, completa e complexa, activa e dinâmica que exigirá atenção, abstracção, reflexão e capacidade de pensar e criticar. São práticas interactivas que se pretende explorar, estabelecer entre leitor e texto novas abordagens, comparações, previsões, interferências chegando a novos conhecimentos. Em suma, pretende-se uma abertura da mente a diferentes análises e interpretações, ao alargamento de horizontes que permitirá aproximar as potencialidades da língua portuguesa. O formador de leitores tem como tarefa importante facultar as ferramentas mais adequadas ao aluno de modo a que este se sinta motivado e com gosto para o acto de ler. Surgem, neste contexto, três fases muito importantes para a concretização do objectivo em análise. Na verdade subjacente a cada texto ou exercício de leitura têm que ser abordadas as actividades de pré-leitura; actividades durante a leitura e actividades após a leitura.

Como refere Sobrino (2000:29):

A actividade de leitura nunca desviou o leitor da realização de todas as suas potencialidades, enquanto ser humano. Pelo contrário, a relação que o leitor estabelece com o livro, assim como a particular cumplicidade gerada entre os leitores, foram criando e desenvolvendo a necessidade de espaços para a

reflexão, a emoção e o sentimento estético, condições primordiais para concretizar toda e qualquer acção que se pretenda eficaz.

A formação de leitores passa também pela apresentação de um vasto conjunto de propostas de trabalho inerentes à leitura e em diversas áreas disciplinares. Actualmente, o ensino atravessa uma exigência diferenciada no âmbito da aprendizagem contínua. Não mais importa o conceito de descodificar ensinado e aprendido há muitas décadas atrás, durante a aprendizagem no primeiro ciclo. Hoje, a técnica incide nos leitores para a vida, constituindo esta a primordial intenção ao formar leitores. Como refere Sardinha (2000):

Deste modo, todo o sujeito que ao longo da vida vai através de leituras continuadas, desenvolvendo as suas estruturas linguísticas, cognitivas e culturais será certamente, um bom leitor.

Pretende-se, cada vez mais, formar leitores que compreendam e interpretem o que lêem e que consigam relacionar a informação obtida, entre os demais, textos e que tenham capacidade de sintetização, análise e compreensão de forma a conseguirem aplicar a informação adquirida em outros contextos. Assim, um bom leitor conseguirá em qualquer análise de textos resumir com clareza, questionar com pertinência, clarificar exemplificando e prever com sabedoria. O cidadão, bom leitor, terá sempre que o ser com esforço de concentração registando em memória determinadas passagens que, em momentos oportunos, lhe sirvam de suporte e argumentação. Todavia, este método exige inevitavelmente muito trabalho, disciplina e persistência.

Dar exemplo de leitores é estar a formar leitores, cedendo à leitura a importância que queremos transmitir aos outros, com o empenho de adultos expressivos. Estar motivado para a leitura é demonstrar interesse e gosto, condições fundamentais neste processo, disponibilizando aos jovens materiais de leitura acessível, bem como criar ambientes favoráveis à leitura. Nesse sentido, as escolas devem estar preparadas para os tempos de leitura, que podem acontecer nos mais diversos locais e contextos, desde que proporcionado ambiente favorável com decoração apropriada e confortável, convidativo para a leitura. As escolas que adoptarem esta orientação estão, com toda a certeza, na linha da frente da formação de jovens com apetências para bons leitores no futuro. A compreensão leitora exige aos alunos o interesse na exploração dos significados e sentidos das leituras que efectuem de modo a que a compreensão dos textos seja eficaz. Este exercício irá permitir ao aluno uma maior capacidade de interpretação para o que não está explicitamente no texto, mas que ele consegue intuir, por via de estratégias cognitivas e metacognitivas frequentemente trabalhadas. Trata-se de um treino que requer exercícios continuados de levantamento de questões aquando da leitura, bem como de prever acontecimentos, clarificar situações

ambíguas e sintetizar textos privilegiando a capacidade de resumo e síntese de ideias. A formação de leitores passa, também, por um trabalho de liderança, por parte do professor, ao que este pode explorar quer a leitura recreativa individual, quer a recreativa em grupo.

Sendo assim, a primeira permitirá ao aluno registar as leituras que faz, servindo-se de um pequeno resumo da história e acrescentando a sua opinião crítica sobre ela. Já a leitura recreativa, em grupo, permite aos seus elementos a exploração do vocabulário do texto.

Portugal é ainda um país com elevada ruralidade onde se verifica em famílias desfavorecidas o menor empenho e gosto pela leitura. É um processo cíclico, pois que nem as crianças são motivadas para a leitura nem os pais estão sensibilizados e interessados nessa componente a transmitir aos seus filhos. Este modo de agir nas famílias é preocupante porquanto, as crianças oriundas destes meios têm menos possibilidades de aprender, compreender e desenvolver competências escolares. Sendo difícil cativá-las para a componente lectiva, naturalmente que as consequências nefastas serão imensas. A desmotivação escolar reflecte-se nas diferentes aprendizagens e em todo o processo de socialização e lazer inerente à escola, sendo que crianças que pouco aprendem estão a traçar um percurso escolar negativo com tendência até para a exclusão.

De facto, a formação de leitores constrói-se com a participação e empenho de várias entidades e pessoas. Se por um lado é fundamental o papel da escola, através da sua biblioteca escolar, o papel dos pais e encarregados, bem como das instituições particulares e públicas com funções educativas, por outro é indispensável encorajar crianças e jovens para, activamente, se tornarem fãs de clubes de leitura, atrair famílias para a continuidade de acções implementadas na escola, organizar e intervir em actividades lúdicas tendo por base a língua e a literatura, promover e dinamizar acções no âmbito das artes, música, desporto, ciências entre outros. Esta diversidade de acções coordenadas nos projectos escolares e com a participação das famílias poderá estimular para valores mais elevados, como sejam a igualdade, a justiça, a paz, a solidariedade, a interajuda, a unidade na diversidade, entre outros. Como afirma Fernando Azevedo (2007):

A formação do leitor é um processo continuado e exigente para o mediador professor ou mediador bibliotecário escolar (...) o processo de formação de leitores é um processo de amadurecimento tanto para os que planeiam como para os que são sujeitos das actividades de leitura.

A adopção de estratégias de leitura, em contexto escolar, contribuem para a formação de cidadãos mais preparados para as questões práticas da vida. No processo de aprendizagem, o professor deverá atrair com frequência os seus alunos para processos de síntese de informação; distinguir com frequência o que é essencial do acessório; explorar previamente o

assunto a tratar, isto é desenvolver o conhecimento público prévio; sensibilizar os alunos para os seus próprios conhecimentos sobre determinado tema fazendo-os participar activamente nos diálogos e troca de opiniões e experiências. A formação de leitores requer exercícios práticos e diários entre professores e alunos, a apresentação de livros, leitura de poemas ou excertos de obras seleccionadas, acções que proporcionarão inúmeras actividades nos momentos seguintes.

Para que a corrente da motivação esteja activa é indispensável que o promotor da leitura selecione textos ou obras pessoalmente relevantes e “semanticamente significativas”, nomeadamente que tenham uma mensagem interessante e pertinente para o público em questão. Preparar a motivação é isso mesmo: retirar os conceitos, termos e demais elementos linguísticos e aproximá-los dos pequenos leitores, isto é, descodificá-los com os leitores, aumentar o vocabulário retirado do texto e demais contextos associados.

É indispensável uma preparação prévia, exaustiva, cuidada e minuciosa dos textos a trabalhar com as crianças. Esse esforço exige ainda o tratamento muito específico e peculiar de cada texto. É pela exploração ao pormenor dos termos linguísticos, que em consequência se deverão tratar os principais elementos conclusivos da história. É importante ler, reler, sublinhar, escrever e rescrever, de modo que, o mesmo texto seja descodificado pelo promotor da leitura e seja objecto de referência para o grupo de trabalho em questão. Desenvolver as mensagens, implícitas e explícitas, o que é óbvio e o que nem por isso e o que se pode acrescentar ao escrito.

É importante transmitir aos alunos o fio condutor da história, isso não significa que seja indispensável memorizar toda a obra em estudo, mas é imprescindível perceber o seu princípio, meio e fim. Possibilitar a exploração dos diferentes fins estimulando a imaginação e criatividade. Aceitar os diferentes fins propostos. Promover estratégias e actividades capazes de fomentar o prazer de ler, ouvir e escrever. Cada palavra que dizem pode ser desenvolvida pelo uso do imaginário e permitir o sonho. Apresentar a beleza e riqueza do património que é a leitura e a escrita através da participação activa, reflexiva e criativa. O promotor da leitura tem que retirar prazer do momento em que está a ler um texto. Só, assim, motivará as crianças para o gosto pela leitura. Deverá ser um entusiasta por excelência das suas leituras. Sendo-o, naturalmente, as crianças sentem essa energia e ficam contagiadas. Há que passar esse entusiasmo e cativar a pequenada. Elementos tão simples podem contribuir para “prender” o público-alvo, quer seja por gestos, pelo olhar que se fixa, por uma simples peça de roupa ou acessórios que se usa. O objecto principal será sempre o livro, mantendo as crianças interessadas, curiosas e expectantes face ao conteúdo apresentado pelo promotor da leitura. Todos estes artefactos têm que surgir simples e naturalmente sem excessos de qualquer ordem ou constituindo momentos inoportunos. As sessões de leitura têm que ser preparadas e ensaiadas com a frequência necessária até que o promotor saiba e domine todos

e quaisquer pormenores da história. No entanto, é fundamental que o próprio esteja preparado para a improvisação, para o inesperado, que em qualquer momento pode surgir num contratempo a si alheio. Como refere Manguel (1998:182):

Seja qual for a forma como os leitores lêem o resultado é que o texto e leitor se tornam um só. O mundo que o texto é devora o leitor que é uma letra no contexto do mundo. (...) o texto e o leitor entrelaçam-se (...) e impregno esse texto com algo - emoção, capacidade física de experimentar sensações, intuição, conhecimento, alma - que depende de quem sou e de como me tornei quem sou.

A promoção da leitura não se compadece com atitudes estáticas, passivas ou monocórdicas, ao invés é pela interacção com as crianças e a história que se impressiona a alma do outro. É ainda indispensável transmitir a importância do leitor enquanto emissor primordial do processo da leitura, utilizando e recorrendo aos materiais susceptíveis de incrementar leituras. Estas estratégias são fundamentais para a promoção, junto das crianças, de competências leitoras e de expressão escrita acrescida.

São diversos os locais possíveis para as práticas de promoção da leitura, sejam as bibliotecas, as salas de aula, o jardim da escola, o parque da cidade, entre tantos outros que a imaginação possa propor; e que a arquitectura natural ou edificada permita ao promotor de leitura explorar. Sendo certo, que a escola inteira educa, a biblioteca deve servir para reforçar esta unidade leitora.

Segundo as autoras Carmina, Rita e Renata (2007) no artigo “Do Livro à Leitura” podemos constatar a importância dos mediadores de leitura, nomeadamente quando se trata de professores, importa preparar e planear os tópicos específicos que se pretende que os alunos compreendam, bem como definir com clareza as seguintes questões:

“Que conceitos quero que os meus alunos adquiram depois de ler o material de leitura? Que vocabulário é essencial para compreenderem esses conceitos? O texto inclui datas importantes, números ou outros dados que os alunos devam conhecer? Que sub-temas necessitarão de mais ênfase?” Constitui, ainda, proposta das autoras a elaboração de roteiros de leitura, explorando os textos de forma exaustiva e profícua, para a compreensão dos alunos com eficiência e apresentação de resultados. Há também que ter presente que os roteiros de leitura não bastam por si só, para a exploração da temática a abordar por meio de determinado texto, pois existem muitos outros recursos documentais ou factuais para o desenvolvimento de determinada temática.

Colocada a questão da influência e importância da figura do mediador, importa reflectir sobre alguns aspectos. Hoje, mais do que nunca, pretende-se que os leitores sejam leitores competentes, leitores capazes de distinguir os diferentes tipos de leitura, mensagem e qualidade literária. Pretende-se que os jovens adquiram hábitos leitores e que não sejam apenas leitores escolares mas que leiam como *hobbie*, como ocupação dos seus tempos de lazer e sobretudo leiam por prazer. A figura do mediador pode considerar-se como aquele que estabelece a ponte entre os livros e os primeiros leitores, criando as condições para permitir o diálogo entre ambos. Diz-nos Yubero, (2001:29):

Uma intervención mediadora que, com conocimiento de causa, aporte soluciones ante las dudas y facilite, en lo posible, la decisión ante la elección de la lectura adecuada. La comprobación de que la elección há sido correcta se concretará cuanto el libro guste al lector, que lo terminará leyendo y disfrutando com su lectura.

Segundo Pedro (Cerrillo, 2002: 30):

Pretendendo a formação de leitores autónomos o papel do mediador de leitura, poderá passar por: criar e fomentar hábitos leitores estáveis; ajudar a ler; orientar a leitura extra-escolar; coordenar e facilitar a selecção de leituras por idades; preparar, desenvolver e avaliar animações de leitura. Para que se consiga colocar em prática estas funções o mediador deve conseguir dotar-se de determinados requisitos como sejam: ser um leitor frequente; partilhar e transmitir o gozo pela leitura; ter a capacidade de promover a participação; ser hábil de imaginação e criatividade; acreditar verdadeiramente no seu papel de mediador; ter formação literária, também, ao nível da psicologia e da didáctica.

Ser bom leitor passa por escolher bons livros, seleccionados pela capacidade em transmitir mensagens com correcção e qualidade, bem como pela capacidade que os mesmos detém em emocionar e fazer vibrar, sentir, arrepiar e sonhar o leitor. A figura do mediador de leitura continua ainda muito relacionada com as actividades de animação de leitura. No entanto, as actividades devem actuar como uma estratégia que funcionará de forma organizada e orientada. Os mediadores devem considerar que: ler não é perda de tempo; ler é divertido; nem todos os livros são do agrado de todas as pessoas; a leitura não deve ser obrigada; forçada, não deve ser encarada como um castigo imposto; é bom e recomendável que os pais partilhem leituras com os seus filhos, que lhes contem contos e leiam histórias ou que juntos partilhem livros de imagens e álbuns; é bom e recomendável que os filhos vejam os pais a ler, é muito positivo visitar livrarias, comprar livros e usar as bibliotecas públicas. A figura do mediador de leitura, independentemente da função dos pais, professores e bibliotecários é

fundamental na infância porquanto será como intermediário que compra, ou recomenda determinado livro ao segundo receptor da obra, a criança, pois já que foi lido e indicado pelo mediador de leitura.

Capítulo 3

Projecto das Sessões Previstas para a Comunidade de Leitores em Terras de Lafões

“Lafões continua o seu caminho para o futuro, carregando os tesouros do passado.”

Correia de Azevedo

3.1 - Sessão: Leitura e Formação da Identidade

Em tempos algo adversos, económica e socialmente, como os que estamos a atravessar, vale a pena olhar de novo, para as origens de Lafões. A região de Lafões¹ está situada em pleno coração da Beira, na bacia hidrográfica do Vouga, entre as serras do Caramulo e da Gralheira. Lafões foi durante vários séculos um concelho apenas com duas vilas: São Pedro do Sul e de Vouzela. Desde os anos trinta, do século XIX insere praticamente na totalidade os actuais concelhos de São Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades mas também uma parte, embora reduzida, dos concelhos de Viseu, (parte das freguesias de Ribafeita e Bodiosa), Castro Daire (parte das freguesias de Alva e Gafanhão) e Sever do Vouga (freguesia de Cedrim e Couto de Esteves). Actualmente podemos afirmar que o antigo concelho de Lafões está representado pelos actuais concelhos de Oliveira de Frades, São Pedro do Sul e Vouzela.

Quanto à etimologia² de Lafões regista-se que em 1609, disse Fr. Bernardo de Brito, que D. Fernando Magno de Leão, quando tomou Viseu aos mouros no ano de 1038, ou 1057 como diz Alexandre Herculano, era governador da referida cidade o alcaide mouro Alafum, que se fez

¹ “Lafões” de Correia de Azevedo, 1958

² Ibidem

cristão, pelo que D. Fernando Magno lhe poupou a vida e lhe deu terras para viver e povoar, terras que do dito mouro Alafum tomaram o nome de Lafões.

Tanto bastou para que os escritores desde o princípio do século XVII afirmassem que foi o mouro Alafum quem povoou o território de Lafões e mandou fazer muitos castelos que ali avultaram, pois Fr. Bernardo era o assombro e oráculo do seu tempo. Lafões com um passado histórico distinto tem sabido preservar e legar as suas marcas que importa divulgar hoje e sempre.

Lafões tem património edificado reconstruído e a reconstruir de profundo reconhecimento histórico e de inigualável beleza. Não menos relevante o património natural é deslumbrante nos vales e montanhas, bosques e matas, rios e ribeiros, matérias-primas e fontes de energia, fauna e flora, percursos pedestres e percursos de interpretação ambiental para deleite de qualquer amante da natureza. Lafões é progenitora de figuras nobres, heróis e santos, entre muitas outras dignas personalidades que engrandecem e enriquecem a nossa história e cujas vidas orgulham todos os Lafonenses, quer em tempos idos quer na actualidade. Lafões prossegue o seu caminho desbravando trilhos para o futuro e carregando os tesouros do passado. A agricultura foi no passado a principal actividade económica da região, já que o desenvolvimento industrial verdadeiramente dito só se pode referir já no século XX. Quanto aos transportes e comunicações, tem-se sabido preservar alguns troços das vias romanas, readaptadas ao turismo, nomeadamente em percursos pedestres. Relativamente aos caminhos-de-ferro, a linha do Vale do Vouga foi definitivamente extinta no final do século XX, em consequência do polémico progresso e desenvolvimento que muita tinta fez correr. O último comboio³ a circular na linha do Vale do Vouga foi o “Comboio Histórico” em 27 de Dezembro de 1983, comemorando os 75 anos da sua existência. As automotoras deixaram de circular no final daquela década.

Lafões tem sabido explorar o turismo desta região embora muito se possa e deva ainda fazer. A nossa região é sobredotada em artes, ofícios, utensílios e tradições, música e etnografia, culinária, doçaria e gastronomia, lendas, rezas e orações, entre tantos outros atributos, pelos quais merece ser visitada, experimentada, sentida e desfrutada com prazer.

³ Vouzela - A Terra, Os Homens e a Alma, 2001

O indivíduo no desenvolvimento da sua personalidade está a construir a sua própria identidade, a formar o conceito de si mesmo, a definir a sua individualidade mas também a instituir a sua autonomia. Com Erikson (1972) nasceu o conceito de identidade, segundo o qual a aquisição de identidade pessoal adquire maior relevo no desenvolvimento da personalidade humana.

Nas fases seguintes que caracterizam a infância, Erikson dividiu-a em três estados de desenvolvimento: do nascimento aos dois anos, dos dois aos três e dos três aos seis anos sendo que, neste período se inicia o sentido da identidade. A busca da identidade é um processo longo e demorado, mas que vivenciado, isto é sem que se ultrapassem fases, atinge-se o auge pretendido. Segue-se a fase da juventude que culmina no início da fase adulta. A identidade construída sólida e bem alicerçada surge, variavelmente, de adulto para adulto, nas últimas fases referidas. Identidade e personalidade são patamares que se atingem com percalços difíceis de ultrapassar, na maior parte dos momentos da vida, porque morosos e complexos, contraditórios e controversos. Indubitavelmente são, assim hoje e continuarão a ser no futuro. É no fervilhar de tantas emoções, onde a sensibilidade se manifesta muito forte e muito intensa que se procuram respostas às questões filosóficas fundamentais e inquietantes. É nesta fase de procura de referências e modelos, que os jovens encontram na literatura, na filosofia, entre os amigos, ou ainda, em exemplos de referência que copiam dos progenitores ou círculo de amigos destes. É neste processo de busca de referências de leitura, de heróis reais ou imaginários, entre demais modelos que se constrói o conhecimento e se desenvolve a identidade pessoal e social inerente ao cidadão. Características fundamentais que se irão manifestar, no futuro do indivíduo enquanto tal, cuja integração na sociedade, que o espera e dele espera atitude, dinamismo, empenho, pro actividade e produtividade, entre muitos outros atributos que socialmente serão tanto mais reconhecidos quanto verificáveis pelo desempenho profissional exercido.

No enalce da identidade psicológica do indivíduo, qualquer indivíduo para se formar enquanto tal necessita de socialização. É no seio da família que qualquer ser humano faz a sua primeira socialização. Se o leitor como atrás definimos necessita de constantes leituras para a formação do seu perfil de leitor, em simultâneo vai estando informado e sendo culto. Ora no mundo hodierno é constante a afirmação “informação é poder” e será informação suficiente? Percebe-se esta pertinente questão na mensagem de Sardinha (2007):

Enquanto Birken (1999) postula o fim da Galáxia Gutenberg, outros, como Terceiro (1996), apostam no futuro alicerçado na sociedade de informação. Daí que a nossa sociedade já valorize mais estar informado, do que possuir conhecimento. Mas esta informação, em nosso entender, de pouco ou nada vale se não for assimilada de um modo sistemático e compreensivo como já

preconizavam os cognitivistas. E aí está novamente a leitura para a vida, do mundo e para o mundo “Do mundo da leitura à leitura do mundo”, o trajecto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Lajolo (2002:7, cit. Sardinha, 2008).

Sardinha apresenta bem a distinção entre estar informado e possuir conhecimento. Ainda neste contexto, Millan (2001) apresenta as diferenças entre informação e conhecimento:

Informação é externa, vai-se acumulando de forma rápida e automática; apresenta um carácter inerte. O conhecimento, por sua vez, é algo que se vai interiorizando, é estruturado, cresce de forma lenta, conducente à acção, sendo uma característica do ser humano. Todavia, ambos os conceitos se complementam. Para adquirir o segundo, necessitamos do primeiro. Saber utilizar e extrair a informação é construir o conhecimento. Não saber extrair nem utilizar a informação é algo de muito redutor, (porém útil) como fazer compras, proceder à reserva de uma viagem ou de hotel.

Neste misto de conceitos entre o ser culto e estar informado pode ter consequência no contexto escolar. Para um professor é importante que seja culto mas também esteja permanentemente informado e actualizado. Não deve, portanto, valorizar um conceito em detrimento de outro sob pena de prejudicar os alunos. Reportando-se a Baptista (2003:133) na opinião de Sardinha:

Esta cultura estranha feita apenas de informação não pode fazer parte da escola que todos nós queremos. Sem a outra, fica comprometido o acesso aos mecanismos mais específicos, programas e processos organizativos - veiculadores da Ciência e da Cultura e, com ele a conquista do *Hommo Cultus*, que é indiscutivelmente, o mais nobre à escala dos valores universais: a Cultura.

Retomamos com Sardinha quando diz:

Não há, pois, razão para que os alunos não comecem, precocemente, a interagir com obras de leitura integral, no sentido de poderem desenvolver a sua competência literária. É esta que proporciona à criança cuja competência enciclopédica está ainda em fase incipiente de formação, um explodir das suas expectativas, da sua capacidade de diálogo com outros mundos diferentes do seu.

Contudo, no decurso do século XXI e apesar de toda a revolução tecnológica em vigor, exige-se que o mediador de leitura seja um Homem Culto com uma personalidade onde a dimensão da teoria, da práxis e da crítica coabitam em dinâmica e constante interacção. Precisa-se, então, que nos primeiros anos de ensino não sejam um mero alfabetizador, como diz Pinto (2002:110):

(...) que apresente abertura a novas práticas discursivas, capacidade de investigação e espírito crítico, características que, por um lado, o impedirão de se tornar um mero reprodutor de programas e, por outro lado, lhe conferirão o perfil de um agente educacional atento ao mundo que o rodeia e às solicitações de toda a hora.

Então se o sujeito tem necessidade de cultura, em simultâneo, ele influencia os ambientes e é influenciado por eles. Entendemos, assim, que a nossa comunidade de leitores vai adquirindo um perfil cultural que lhe é dado por aqueles que a frequentam. Sugerimos, assim, três obras para reflexão, nesta sessão sobre Leitura e Formação da Identidade.

Obra 1

“Lafões A Tradição e a Lenda”
de António Gomes Beato, 1993

“(…) Não me movem outras pretensões senão as que sempre me orientaram, de contribuir de algum modo e o melhor que sei e posso para a cultura do nosso povo e levar aos estudiosos e interessados o estímulo e alguma luz com os meus modestos trabalhos.”

O motivo desta escolha prende-se com o facto de, nesta obra, serem abordados temas de particular interesse como descobrir e desvendar valores inerentes a esta região; os cantares típicos dos avós, tendo a presença da professora Isabel Silvestre e dos Cantares de Manhouce passando pelo Grupo Alafum, com a presença do fundador, professor José Fernando e dos Cantares de Cambra com a presença de elementos mais jovens, que preservam a sua qualidade ao longo das gerações. Em seguida abordaremos a linguagem popular e os dialectos da região, os contos e lendas de Lafões, com a presença de contadores populares das aldeias de Covas do Monte, Candal e Manhouce, ainda com a presença de professores de história e português das escolas secundárias de Lafões, com trabalhos publicados no âmbito da recolha dos contos e lendas da região. Para terminar a sessão, em boa disposição, porque não cantar o Hino de Lafões, orgulho dos lafonenses que o aprenderam nas secretárias da antiga escola primária.

Obra 2

“A Região de Lafões (Subsídios para a sua História)”, 1ª ed. 2001 e 2ª ed. 2004 de Manuel Barros Mouro.

“Lafões região natural de grande unidade, constituiu durante vários séculos um só concelho com duas cabeças, as vilas de S. Pedro do Sul e Vouzela. (...) E para tal sugerimos que a mesma se inicie pelas sedes dos três concelhos, Termas, vila de Santa Cruz da Trapa e algumas aldeias, onde não falta notável património construído. (...) E depois atravessar o Vouga pela Ponte do Cunhedo, onde se recordará a lenda romanceada pelo genial Eça de Queirós, da tirada do rio do Menino Jesus pelo S. Cristóvão, seguindo para a antiga “Ulveira”, terra chã, actual Oliveira de Frades.”

A pertinência desta obra justifica-se devido ao antigo concelho de Lafões e a sua capital, a organização administrativa e judicial desde o século XII, os Coutos e Honras em Lafões, a ordem de Malta, as antigas vias de comunicação entre Lafões, as festas de S. Pedro nos anos vinte, os conventos de Lafões, S. Cristóvão, os Frades de Oliveira, o convento de S. José, e demais património como a ponte do Cunhedo, a Frecha da Misarela, entre outros.

Na segunda edição do livro “A Região de Lafões (Subsídios para a sua História)” os temas praticamente mantêm-se, mas são de alguma forma mais desenvolvidos e melhor explorados fruto de exaustiva pesquisa e trabalho de campo permitindo concluir que se trata de uma obra cujo contributo para a região é exemplar.

Obra 3

**“Terras de Lafões - revista cultural de cariz regionalista”
de vários autores, nº 1, 2010**

“(…) Lafões terra de grande nobreza
Aqui nasceram santos, heróis e poetas,
políticos, pintores e cantores.
Aqui se escreveram canções de sonhar
e se contaram lendas de embalar.
E é assim que Lafões é um jardim
e não há no mundo outro igual assim...”

Trata-se de uma obra recente, dirigida, coordenada e desenvolvida por ilustres personalidades da actualidade, com responsabilidades culturais, sociais e educativas em Lafões. Nesta obra estão compilados vários artigos sobre as Terras de Lafões; As Lendas, História e Património das Freguesias de Lafões; A presença da Rainha D^a Amélia nas Termas e na Região; Os Balneários Termais; A Implantação da República em Lafões; A História do Poder Local após Abril de 1974; A Comunicação Social na Região; As Associações e Colectividades, entre outros temas que juntamente com o Vinho de Lafões, o Cabrito da Gralheira, a Vitela Certificada de Lafões e os tradicionais Caçoilinhos, Caladinhos, Pastéis e Folares de Vouzela fazem as delicias de quem se senta à mesa para degustar, mas também de quem se senta no sofá, em comunidade, para conversar e avivar memórias.

3.2 - Sessão: História e Futuro das Termas de São Pedro do Sul

“Há 850 anos era criado um dos mais antigos concelhos do reino, o CONCELHO DO BANHO, por foral concedido por D. Afonso Henriques, em 1152.”

A. Nazaré Oliveira, 2002

As Termas de São Pedro do Sul remontam aos romanos cuja ocupação deixou marcas ainda hoje visíveis, por estas imediações, como as ruínas do *Balneum Romano*, pontes e estradas. Pretende-se nesta sessão reflectir sobre o passado e tirar ensinamentos para o futuro. Reflectir sobre de que forma as renovadas e modernas instalações dos Balneários Rainha D^a Amélia e Afonso Henriques podem captar a atenção nos mercados, ibérico e internacional. Esta sessão deverá ter como principais destinatários os aquistas das Termas de São Pedro do Sul, historiadores, alunos, empresários do sector turístico e termal e demais interessados no tema.

No que à história diz respeito as Termas de São Pedro do Sul eram constituídas pelo *balneum romano*. O imóvel entregue ao Instituto Português do Património Arquitectónico e encontra-se classificado como monumento nacional desde 1938. Ao longo dos séculos foram sendo atribuídos diferentes nomes como Banho, Caldas de Alafões, ou Lafões e Caldas do Banho. As Termas encontram-se num local bucólico único extremamente aprazível na margem esquerda do rio Vouga. A cerca de quinhentos metros fica a nascente da água termal. O edifício de fundação romana, manteve até à actualidade, grande parte da sua estrutura primitiva. Utilizado para os tratamentos termais foi conseguindo manter e preservar o espaço e proporcionar melhores condições por força da intervenção dos monarcas portugueses que muito acarinharam sempre as nossas gentes aquando das suas estadias nas Caldas. Sendo de referir que na década de trinta, por lá funcionou a escola primária e nos anos setenta o

espaço era utilizado como café, piorou, de facto, nos anos oitenta pois servia apenas como arrecadação de barcos.

A utilização romana das águas com fins terapêuticos só foi realmente comprovada depois das escavações da grande *natatio* nos anos cinquenta. No entanto mesmo após a descoberta de tal facto continuou-se a atribuir a D. Afonso Henriques a construção da piscina vulgarmente designada por “Piscina Afonsina.” O primeiro rei de Portugal frequentou as Termas onde se terá vindo tratar de ferimentos ocorridos na Batalha de Badajoz. Outros monarcas igualmente se deslocaram as Termas deixando sempre bons patrocínios para a realização de obras de melhoria no edifício. Em 1886 construiu-se um novo edifício para banhos designado por Termas da Rainha D^a Amélia. O edifício anterior foi praticamente desactivado passando a ser utilizado apenas por pessoas com menores recursos económicos. Nas obras efectuadas no antigo balneário foram encontradas colunas e fustes romanas, tendo estas escavações permitido descobrir outros espaços como salas e piscinas. Perante a importância deste emblemático monumento e devido ao seu estado de degradação com o passar dos tempos o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro do Instituto Português do Património Cultural iniciou pequenas obras de manutenção, limpeza e escavações arqueológicas neste espaço em 1985. A referência mais antiga das Termas data dos finais do século XVII, desde então foram tendo uma ocupação mais ou menos constante ao longo dos séculos seguintes. A evolução de toda a estrutura termal foi crescendo alargando-se o espaço de oferta balnear.

Foi nos anos de 1894, 1895, 1896 e 1898 que a última Rainha de Portugal veio a banhos nas então designadas Caldas de Lafões. Precisamente em Junho de 1994 foi o centenário da primeira estada da Rainha D^a Amélia em São Pedro do Sul. A presença da Rainha D^a Amélia nas Termas de São Pedro do Sul foi muito marcante pela sua bondade e simplicidade de carácter tão característicos na Rainha, muito querida e acariciada em todos os momentos e lugares por onde passou. Já o marido D. Carlos não reunia tão rasgados elogios pelo povo. A Rainha tinha um particular gosto pelas artes visuais pelo que desenhava com frequência paisagens, figuras típicas de populares, entre outros aspectos, que lhe despertassem particular interesse e sensibilidade artística.

Actualmente as Termas são o maior Centro Termal do País têm já atendido anualmente cerca de vinte mil aquistas. Os balneários totalmente remodelados e modernos correspondem às necessidades actuais, sendo o Balneário Rainha D^a Amélia de menor dimensão e por excelência um espaço nobre e distinto, o Balneário D. Afonso Henriques com maior capacidade de oferta mantém, com toda a certeza, a qualidade de serviços e tratamentos particularmente requerida por todos os seus utentes.

No presente é pertinente pensar as Termas que se pretendem no futuro, com parcerias e com conjugação de esforços numa visão colectiva. É preciso atender ao facto de que nos mais recentes anos muitas estâncias termais foram reestruturadas, remodeladas, ou mesmo construídas de raiz um pouco por todo o país. Por esta razão será importante perceber que a concorrência é elevada, a qualidade também e as contingências económicas e sociais estão muito instáveis e vulneráveis ao que não se vislumbra, nem no longo prazo, margem para descorar factos tão relevantes. Assim será de analisar com prudência e estratégia a angariação de novos públicos e mercados. Teremos que nos abrir ao exterior, promovendo relações internacionais no sentido de se criarem todas as condições para os potenciais utentes europeus, asiáticos, americanos e africanos se deslocarem às Termas de São Pedro do Sul com relativa facilidade. Há que promover e divulgar as boas condições existentes relativamente a tratamentos termais, únicos e diferenciados. Lançar as Termas de São Pedro do Sul além-fronteiras através de agências de viagens internacionais mostrando os bons hotéis e SPAs, resorts e a vasta oferta de turismo rural, turismo de montanha, turismo de habitação e turismo de charme existente em Lafões. Mostrar as belíssimas paisagens naturais e os recursos endógenos existentes a desfrutar, a par da boa gastronomia e culinária, circular em boas vias de comunicação e realçar a hospitalidade e excelência no trato tão característicos dos lafonenses. A Termas detém um potencial elevadíssimo que importa evidenciar para que se retirem os melhores dividendos em tempos difíceis dada a actual conjuntura económica.

Sugerimos, assim, três obras para reflexão, nesta sessão sobre A História e Futuro das Termas de São Pedro do Sul.

Obra 1

“Termas de São Pedro do Sul”

António Nazaré Oliveira, Viseu 2002

“(…) Monografia que faltava! Tudo o que até aqui se tem escrito tem abordado aspectos mais ou menos parcelares. Pela primeira vez é dado à estampa um trabalho que, em abrangência e profundidade, abarca o Passado e o Presente, articulando o percurso histórico das velhas CALDAS DE LAFÕES com a actualidade das TERMAS DE S. PEDRO DO SUL.”

Esta obra é efectivamente um contributo exemplar que faltava sobre as Termas e há muito necessário. Inicia o percurso nas Termas Romanas, atravessa as Termas nos finais do século XIX e expande-as pelo século XX. São apresentadas as fabulosas Termas da actualidade cuja remodelação dos Balneários Rainha D^a Amélia e Centro Termal (actualmente Afonso Henriques) espelham a modernidade e qualidade da estância termal. A implementação do

Projecto de Reabilitação Urbana das Termas foi determinante para a mudança espectável e permitiu que hoje tenhamos as Termas renovadas, com zonas exclusivamente pedonais, parques de estacionamento adequados, passeios largos, floreiras ornamentais belíssimas, iluminação pública moderna, arranjo da praia fluvial e das margens do rio Vouga, entre outros. As Termas cresceram também quanto ao investimento privado, já que hoteleiros e empresários locais souberam igualmente modernizar e actualizar as suas infra-estruturas de hotelaria, restauração e comércio. O autor apresenta ainda os equipamentos de lazer e desporto, bem como as actividades culturais e de animação termal que são uma constante ao longo do ano. Outros temas são explorados, ainda nesta obra, contudo destacamos o Projecto de Energia Geotérmica que sem dúvida constitui um factor inovador, nesta região, através do aproveitamento do calor das águas termais para aquecimento ambiental de infra-estruturas urbanas, aquecimento de águas para uso sanitário, cultura de frutos tropicais, entre outros que se preparam para o futuro.

Obra 2

“A Arquitectura das Termas Romanas de S. Pedro do Sul”

Helena Frade e José Moreira, Porto 1993

“(…) Se os textos dos autores clássicos são uma importante fonte documental para o estudo do termalismo antigo, não são, no entanto, a única, uma vez que têm que ser completados pelos dados fornecidos pela Arqueologia. (…)”

Trata-se de uma pequena publicação, mas muito esclarecedora quanto à distribuição de espaços nomeadamente das piscinas romanas, num espaço que ainda hoje é visitável. A sua preservação está entregue a um organismo público central, sendo um facto que a exposição a céu aberto e às condições climatéricas, da região, reflectem alguma degradação, deste espaço histórico. O estudo em causa inclui projectos e fotografias a preto e branco constituindo elementos de particular raridade. Salientamos os inúmeros aspectos e particularidades inerentes à arquitectura das Termas.

Obra 3

“A Rainha D^a Amélia em São Pedro do Sul (Evocação Centenária)”

António Nazaré Oliveira, Viseu 1996

“Nos anos de 1894, 1895, 1896 e 1898, a última Rainha de Portugal veio fazer tratamentos às Caldas de Lafões.

Junho de 1994 marca, portanto, o Centenário de 1^a estada de D. Amélia em S. Pedro do Sul. Entendemos que tal facto mereceria ser assinalado. Procurámos documentar-nos.”

Trata-se de uma publicação comemorativa do centenário da primeira estada da Rainha D^a Amélia em terras de Lafões (1894-1994). Nesta obra estão registadas as muitas passagens da rainha na região de Lafões, desde as Termas propriamente ditas, à chegada a Viseu, a São Pedro do Sul, pormenores da sua recepção, em cortejo com mais de trinta carruagens e o esquadrão de cavalaria da cidade de Viseu, destaca-se também as ementas oferecidas pelas variadíssimas instituições que a receberam. Nesta compilação são apresentados as amizades, hobbies e ocupações da rainha nos palácios por onde passou em São Pedro, como o de Reriz ou a Casa do Forno Telheiro, mais tarde designada como edifício Rainha D^a Amélia e posteriormente residência feminina de estudantes, já desactivada, e o Palacete dos Condes de Prime, em Viseu. São descritas das deslocações do Rei D. Carlos a Viseu e a São Pedro do Sul, bem como do Príncipe D. Filipe e do Infante D. Manuel.

3.3 - Sessão: Conta-me Histórias

“A inteligência da criança observa amando e não com indiferença, isso é o que faz ver o invisível.”

Maria Montessori

Importa abordar a importância da leitura, desde a fase de gestação do futuro ser, até à idade escolar. Será interessante reflectir sobre como se podem e devem implementar hábitos de leitura. “Não se nasce leitor” mas é possível e desejável inculcar futuros hábitos, pela prática assídua e motivação pessoal acrescida. Ler para o bebé é tão importante e determinante como é ouvir música, dançar, ter hábitos saudáveis de alimentação e convívio social e familiar, entre outros. No essencial há que comprometer os envolvidos neste processo, no sentido de que haverá bons leitores no futuro se houver boas vontades no presente.

As histórias contadas na primeira infância revestem-se de primordial significado, porquanto desenvolvem e estimulam o imaginário das crianças. O momento que se proporciona entre pai/mãe e filho(a) é único embora diário e rotineiro tal como se pretende. Para a criança os breves minutos em que a mãe lê, estimulam diversos sentidos jamais inquebráveis. Desde a voz terna e meiga da mãe que profere as palavras inerentes à história, aos gestos que tem com o objecto livro na mão, às carícias na face do filho ou quando as mãos se dão para ouvir uma nova história. Sendo nova ou não, pois frequentemente uma história prolonga-se por imensos dias a pedido da criança. Não há qualquer mal ou inconveniente nisso. Gostam particularmente de uma passagem específica e habitualmente repetem, pela memorização determinados registos; riem imenso com determinadas personagens ou animais. Ambos se divertem no desenrolar da história e as carícias e ternuras que trocam evoluem no decorrer desta, entretanto a criança adormece ao beijo da mãe que a afaga para uma noite em paz e descansada.

“Conta-me histórias” no pré-escolar continua o procedimento iniciado em bebé. Naturalmente, quando existe já esta prática na família. Para outras crianças, trata-se do início do “Conta-me histórias.” Nesta fase, os contos são por norma seguidos de inúmeras questões que as crianças, espontaneamente, colocam, por forma a captarem melhor o enredo. Este diálogo que se estabelece é de todo importante pois inicia, desde logo, o sentido de interpretação, enriquecimento de vocabulário e conhecimentos relevantes no processo de aprendizagem da criança e na sua relação com a língua materna. Contar histórias é uma arte cuja interpretação pode ter variadíssimos contornos. O contador de histórias pode assumir inúmeros rostos neste processo. Não sendo este o capítulo para a descrição dessas características, é imprescindível relembrar o quanto é fundamental conhecer previamente a história, colocar bem a voz, dominar a postura corporal, entre outras características que podem fazer a diferença na arte de contar. Contudo, o essencial passa por desfrutar e fazer desfrutar do acto de leitura.

A biblioteca municipal pode ter um papel decisivo e de enorme responsabilidade na formação de futuros leitores e na promoção da leitura. O desempenho da biblioteca local não deve ser isolado da comunidade. As tarefas podem ser coordenadas e estruturadas por forma a desenvolver-se um trabalho em parceria, o fundamental será criar pontes sólidas entre a biblioteca, os leitores e os futuros leitores cujo objectivo será promover a leitura chegando a toda a comunidade. Na sessão “Conta-me histórias” é importante incentivar as crianças para o prazer da leitura, criando dinâmicas com o livro, optando por textos adequados e oportunos para as suas idades. É na infância que cresce o gosto pela leitura, ao que a família e escola são as instituições de maior relevo, pois a influência que exercem nas camadas mais jovens é determinante. A relação da biblioteca com a escola é uma prioridade para o desenvolvimento da comunidade leitora que se pretende instituir. Os novos leitores formam-se na escola mas a

base dos hábitos de leitura assíduos deverá advir da família. A biblioteca canalizará os seus esforços para o desempenho em criar laços com a escola para daí resultarem desempenhos futuros cujo primordial interesse conduza às prioridades de sucesso no futuro das crianças, reflectindo-se na comunidade onde se movimentem.

As bebetecas existem quase na generalidade das bibliotecas públicas, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento dos futuros leitores. Entre muitos outros projectos e actividades que possam ajudar e contribuir para que as famílias usem e desfrutem dos recursos da biblioteca assim como fomentem as competências necessárias à leitura. É determinante aliar a leitura ao prazer. As famílias devem acompanhar este sentimento, cuja consciencialização poderá contribuir para o percurso do futuro leitor noutra perspectiva. No sentido meramente prático e objectivo podem elencar-se alguns dos contributos fundamentais a preconizar pelos adultos, face ao bebé até ao primeiro ano de vida, no sentido de estimular o interesse pelos livros. A criança deve estar confortavelmente instalada, sendo que, o adulto mostra o livro, aponta as imagens, dizendo o nome do que está representado na ilustração, fala ainda das cores, da textura, da forma bem como das sensações que lhe causam. O adulto deve ter o cuidado de repetir o nome de cada elemento ou objecto, ajudando a criança a ligar o som das palavras ao significado, de forma pausada e concentrada na actividade; seguindo-se o inverso em que pede à criança que repita algumas das palavras e identifique o que ouve ler, apontando as imagens. É salutar que ambos brinquem com as palavras, encorajando a criança através de reforços positivos. Nesta interacção, há que dar atenção mostrando que compreende o que ela quer manifestar. Esta comunicação estabelecida contribui para o estímulo e reforço dos laços afectivos. Estar atento à reacção da criança para que não aconteça esta desinteressar-se por cansaço da actividade, captando e observando as reacções para que o adulto continue ou pare de acordo com as sensações manifestadas.

Na fase seguinte, até aos dois anos de idade o adulto, preconizador da leitura, deverá estar atento e disposto para quando a criança lhe pede para ler. É importante ler e reler as palavras do livro; dialogar sobre as imagens e as cenas apresentadas; deixar a criança manusear o livro, ajudando-a a virar as páginas; proferir as palavras e perguntar onde está a imagem correspondente e dar tempo para a criança responder e apontar; aceitar passivamente o ritmo da criança, sem a cansar, pois que nesta idade, ainda precoce, não aguentam muito tempo. Pode ainda utilizar-se o livro nos momentos de rotina da criança como o banho, a hora de comer, a hora de deitar, interagindo e dando a entender que percebe os seus *feedbacks*.

Em qualquer das fases da infância, os livros devem estar acessíveis à criança, em caixas, cestos ou estantes, de preferência à sua altura, para que as crianças lhes possam aceder

espontaneamente. Os adultos deverão ter o cuidado de oferecer livros e organizar uma biblioteca pessoal dos seus filhos. Em qualquer das idades da infância, é importante o hábito de ler ou ouvir ler antes de dormir, já que os livros também acalmam e proporcionam serenidade e relaxamento ao terminar o dia.

Sugerimos, assim, três obras para reflexão, nesta sessão sobre Conta-me Histórias.

Obra 1

“Quando a Mãe Grita”

de Jutta Bauer

“Era uma vez uma mãe que gritou com o seu filho, um pequeno Pinguim. O Pinguim não esperava tal coisa e assustou-se tanto, tanto, que ficou desfeito... Mas tudo acabou bem quando a mãe foi ao seu encontro e lhe pediu desculpa.”

Escolhemos esta história porque apresenta uma peculiar situação, tão frequente nas famílias, não de hoje, mas desde sempre. Através de um Pinguim a autora reporta um momento da vida das crianças que acontece, diríamos, diariamente, entre elas e os pais. Nesta pequena história é demonstrado o quanto é determinante o comportamento das mães para o estado de espírito dos filhos. Cada vez que a mãe grita, uma parte do corpo do Pinguim desagrega-se das restantes, soltando-se do resto do corpo, significando que há uma dor imensa que o rasga em cada mal-estar da mãe. Esta é uma oportunidade para as mães reflectirem sobre o comportamento expressivo que têm para com os seus filhos, havendo sempre uma oportunidade para mudar. As ilustrações deste livro são de uma simplicidade e bom gosto impressionantes. No final a mãe toma consciência do que fez e com “paciência, linha e agulha” foi unindo todas as partes conseguindo-as juntar por forma a dar-lhe de novo vida, paz e alegria.

Obra 2

“A Que sabe a Lua”

Michael Grejniec

“Há já muito tempo que os animais desejam averiguar a que sabia a Lua. Seria doce ou salgada? Só queriam provar um pedacito. À noite olhavam ansiosos para o céu. Esticavam-se e estendiam os pescoços, as pernas e os braços, tentando alcança-la.”

A história “A Que Sabe a Lua” apresenta uma sequência interessante proporcionada pela colaboração de vários animais que solidariamente se unem com um objectivo em comum, provar a Lua. A que saberia a Lua era a grande curiosidade do rato, ora de tão pequeno este animal como poderia ele lá chegar? Para resolução desta questão, os animais que por ali passam vão dando o seu contributo colocando-se uns em cima dos outros, primeiro a tartaruga, seguida do elefante, em cima desde a girafa, depois a zebra, seguida do leão, a raposa e no topo o rato que finalmente consegue dar uma dentada na Lua e saboreá-la, acto só possível através da solidariedade de todos os animais amigos da floresta. No fundo a Lua saberia àquilo que cada um deles mais gosta!

Obra 3

“O Livro dos Trava-Línguas2”

António Mota

“Destina-se a todas as crianças, mesmo para aquelas que ainda não sabem ler. O seu objectivo é pôr os mais novos a dizer sequências de palavras o mais rapidamente possível. (...) Concebido como um jogo, divertido e enriquecedor, é um desafio que estimula o prazer de brincar com as palavras e os sons, e o gosto pela leitura. Os Trava-Línguas são exercícios que ajudam a treinar a articulação das palavras, trabalham a memorização, a falta de atenção e a dicção em voz alta.”

Optámos por este livro pois nele são trabalhados os aspectos da fonética, da articulação linguística e da linguagem em geral como método de interacção entre leitor/ouvinte e autor. No decorrer da sessão creio que muitos exemplos despoletarão entre os participantes desafiando à prática de alguns exercícios, nomeadamente de dicção o que certamente proporcionará momentos agradáveis de relaxamento e alguma diversão.

3.4 - Sessão: A Leitura no Primeiro Ciclo do Ensino Básico

“Os nossos filhos precisam mais da nossa presença do que dos nossos presentes.”

J. Blanchard

Como objectivos estratégicos pretende-se contribuir para uma maior consciencialização quanto à importância de estimular as crianças para a leitura e estabelecer pontes com a escola. É de facto um esforço acrescido que precisam todos, professores e pais. A escola básica tem por missão estimular para a leitura: ler de forma disciplinada; orientada; mas também ler de forma livre. Nas mais variadas situações há oportunidades para ler. Estimular as crianças para a leitura frequente, acompanhada, em voz alta ou em silêncio. A importância do acompanhamento e orientação pelos adultos resulta em alunos capazes de ler mais e melhor.

As crianças do 1º CEB aprendem e evoluem de forma célere e dinâmica, quanto mais contos lhes forem transmitidos, ensinamentos incutidos e matérias ensinadas, mais abertura de horizontes e facilidade terão para o conhecimento. É necessário, pois, que os agentes educativos se predisponham de atitudes positivas, activas, proactivas, empreendedoras sempre em prol do conhecimento e das novas oportunidades para aquisição de novos saberes. Actualmente, a oferta educativa é vasta e encontra-se facilmente nas novas ferramentas ao dispor dos métodos educativos. Há pois que estar actualizado permanentemente e em contacto com as novas tecnologias e ferramentas por forma a tornar o livro e a leitura processos interessantes activos e motivadores. O risco da não leitura em livro, enquanto objecto é enorme, nos tempos actuais dada a oferta concorrente. No entanto, há peritos na área que defendem que o livro jamais perecerá. Pode continuar a evoluir para o digital e electrónico, apresentar-se em formas ou formatos inovadores mas o objecto livro continuará a ter o seu espaço nas estantes das bibliotecas.

Aos agentes da educação impõe-se, de forma acutilante, a deslocação física aos diferentes espaços de oferta de livros. Levar as crianças ao parque de lazer com uma mochila de livros novos para explorar ao ar livre, levá-las às feiras do livro e deixá-las participar, activamente, nas actividades para elas organizadas e cuidadosamente pensadas, levá-las às bibliotecas públicas, municipais, às ludotecas, espaços criança, centro de recursos, entre outros onde elas se possam expandir, saltar, criar e sonhar nas suas mais sinceras formas de estar e desfrutar dessas riquíssimos espaços. É fundamental contrariar a ideia existente entre alguns agentes de educação de que os pais têm que dar e comprar tudo aos filhos. Esta é uma ideia

errada e inconsistente. As infra-estruturas existentes, um pouco por todo o lado, estão dotadas de belíssimos equipamentos e recursos que permitem às crianças disfrutar e aproveitar estes espaços de forma livre e gratuita. Os encarregados de educação precisam de perceber que a gestão do seu tempo pessoal é determinante na educação dos filhos, ter tempo para os levar aos espaços referidos, para brincar com eles, estar com eles, conversar e partilhar experiências, legar ensinamentos, isto é educar e formar à luz dos princípios e valores que queiram legar-lhes. Os encarregados de educação têm rapidamente de rever as suas prioridades e objectivos no sentido de não atribuírem exclusivamente à escola a educação dos filhos, atribuindo-lhe a responsabilidade e importância do crescimento dos seus educandos. Esta é uma falsa responsabilização. Os pais, são em primeira instância, os agentes de maior idoneidade, salvo raras e específicas excepções.

Urge, ainda, formar professores no sentido do incentivo à leitura como uma prioridade. Na relação entre a biblioteca e a escola, o professor, sendo um profissional de formação de competências leitoras nas crianças deverá revestir-se de particular destaque e empenho em todas as actividades inerentes aos projectos de leitura em que se envolve. Compete ao professor a centralização da formação dos futuros leitores incentivando as suas crianças para a leitura. Neste mecanismo a biblioteca pode colaborar e contribuir para a aplicação de estratégias variadas conducentes ao trabalho de formação de leitores. A biblioteca contribuindo com formação, por meio de profissionais especializados, pode suprir uma das particulares dificuldades encontradas pelos professores docentes.

Sugerimos, assim, três obras para reflexão, nesta sessão sobre A Leitura no Primeiro Ciclo do Ensino Básico.

Obra1

“Avós”

de Chema Heras

“Então a avó olhou muito no fundo dos olhos do avô e viu que também ele tinha... os olhos tristes como as estrelas da noite e as pestanas curtas como a erva recém cortada e a pele enrugada como as nozes de uma tarte e os lábios secos como a areia do deserto e o cabelo branco como uma nuvem de verão e as pernas magrinhas como as de uma andorinha.”

Consideramos particularmente interessante o enredo que se gera, estabelecendo-se uma relação de forma contínua e ordenada na sequência das acções, até se atingir o objectivo pretendido. É interessante a referência aos valores que se estimulam e aos aspectos de pormenor relativamente à aparência física, que por norma os idosos gostam de referir,

desvalorizando-se. Nesta obra esse aspecto é muito bem trabalhado pois inverte o que aparentemente possa parecer negativo comparando-o com elementos naturais de beleza. Proporciona o exercício de memorização e consciencialização da história, através da articulação de sequências, sendo que, como método reveste-se de bastante pertinência para a aprendizagem.

Obra 2

“Livro Com Cheiro a Chocolate”

de Alice Vieira

“Quinze pequenos contos fazem parte deste livro uma agradável companhia para crianças e adultos. Seja numa tarde de chuva passada em casa, seja na hora em que as crianças vão para a cama, este livro permitirá momentos inesquecíveis de leitura, aprendizagem e troca de experiências... são histórias verdadeiramente deliciosas quer pelo que contam, quer pelo irresistível aroma de chocolate que as perfuma (...) vai conduzir as crianças no caminho da leitura, apresentando-lhes vocabulário, jogando com as palavras e brincando com a gramática e acentuação.”

A escolha deste livro justifica-se pelo gosto incondicional do chocolate. Trata-se de um livro de leitura fácil e divertida. Atrai de imediato, qualquer criança, pois o chocolate impele a um dos sentidos mais apelativos, o paladar. Composto por várias pequenas histórias pode ser bem explorado na comunidade, desde que se conte com um grupo interessante de crianças e lhes demos a oportunidade de brilhar, de imaginar e criar para além da história. A partir deste conto podem resultar receitas culinárias inovadoras, podem gerar-se desafios no âmbito dos nomes colectivos e terminar com exercícios de pontuação.

Obra 3

“O Livro dos Quintais”

de Isabel Minhós Martins

“Neste livro não entramos em casa de ninguém. Ficamo-nos pelas histórias que se passam cá fora, à beira de limoeiros e nespereiras, hortas e estendais, tanques ou mini-piscinas. Os quintais são pequenos, é verdade. Mas, com algum esforço, neles podem caber grandes sonhos e as maiores aventuras.”

Esta história tem a particularidade de ter um cão o “Gatuno” por companhia permanente. Para cada um dos meses do ano a autora remete-nos para actividades possíveis de desenvolver nos quintais das habitações. Das flores às árvores, ao cultivo da horta, tendo a companhia permanente da natureza em crescimento, bem como os pormenores de arranjos de manutenção das habitações. As ilustrações são magníficas repletas de cor e harmonia como se nos encontrássemos efectivamente naqueles quintais a saborear os frutos maduros colhidos directamente da nespereira, no mês de Maio. As famílias em perfeita actividade ou os vizinhos que vivem só, mas nem por isso são abandonados, pois o convívio entre ambos é frequente, em festas bem animadas como as sardinhas pelos santos populares.

Capítulo 4

Conclusões

Entendemos que o trabalho desenvolvido constitui um modesto contributo no sentido da implementação da Comunidade Leitora em Terras de Lafões.

Pretendemos destacar conceitos e autores emergentes na sociedade globalizada e de pertinência à temática em causa.

A evolução do conceito de leitura bem como os meios hoje disponíveis para a concretização efectiva de práticas de leitura permitem outra motivação, quer para o mediador de leitura com a missão de transmitir e partilhar, quer para a criança/aluno com o dever de aprender e interagir.

A escola, a família e a comunidade desempenham individual e colectivamente missões muito ajustadas ao desenvolvimento da criança/aluno.

Espera-se um compromisso empenhado de todas as forças para que a Comunidade Leitora em Terras de Lafões se comprometa com as diferentes instituições locais ao serviço da educação e em parceria ultrapassem dificuldades e apresentem resultados bem sucedidos.

Capítulo 5

Bibliografia

- AZEVEDO, CORREIA, *Lafões*, Amares, Oficinas Gráficas A Modelar, 1958.
- AZEVEDO, FERNANDO, *Formar Leitores das Teorias às Práticas*, Lisboa, Lidel - edições técnicas, Lda., 2007.
- AZEVEDO, F. e SARDINHA, M.G., *Modelos e Práticas em Literacia*, Porto, Lidel - Edições Técnicas, Lda., 2009.
- BAUER, JUTTA, *Quando a Mãe Grita*, Lisboa, Ana Paula Faria Editora, 2007.
- BEATO, A. GOMES, *Lafões - A Tradição e a Lenda*, Porto, 1993.
- BENAVENTE, ANA, *A Literacia em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- CABRAL, M.L., *Bibliotecas: Acesso, Sempre*, Lisboa, Edições Colibri, 1996.
- CALIXTO, J. ANTÓNIO, *Bibliotecas para a Vida - Literacia, Conhecimento, Cidadania*, Lisboa, Edições Colibri, 2007.
- CARVALHO, M. GLÓRIA, MARQUES, FRANCISCO C. E TAVARES, M. TERESA F. C., *Vouzela - A Terra, Os Homens e a Alma*, Vouzela, Eden Gráfico, 2001.
- CERRILLO, PEDRO C. E PADRINO, JAIME G., *Presente y Futuro de La Literatura Infantil*, Cuenca, Ediciones de La Universidad de Castilla-La Mancha, 2000.
- COELHO, JOSÉ DIAS, *Livro Verde para a Sociedade de Informação em Portugal*, Lisboa, Ministério da Ciência e Tecnologia, 1997.
- CRUZ, Júlio, *Ilustre Gente da Beira - Região de Lafões*, Viseu, Edições GICAV, 2009.
- FRADE, Helena e MOREIRA, José B., *A Arquitectura das Termas Romanas*, São Pedro do Sul, 1993.
- FURTADO, J. A., *Os Livros e as Leituras*, Lisboa, Sociedade Industrial Gráfica, Lda., 2000.
- HERAS, CHEMA, *Avós*, Braga, Editora Kalandraka, 2003.

- INSTITUTO PORTUGUÊS DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS, *A Casa dos Livros*, Rio de Mouro, Estúdio Gráfico Serafim Serrano, Lda., 2001.
- LARRANEGA, ELISA E YUBERO, SANTIAGO, *Libros, Lectores y Mediadores*, Cuenca, Ediciones de La Universidad de Castilla-La Mancha, 2002.
- MANGEL, A., *Uma História da Leitura*, Lisboa, Editorial Presença, 1998.
- MARTINHO, MANUEL, NABAIS, ANTÓNIO E RODRIGUES, CARLOS, *Oliveira de Frades*, Eden Gráfico Lda., 1991.
- MARTINS, ISABEL MINHÓS, *O Livro dos Quintais*, Carcavelos, Editora Planeta Tangerina, 2010.
- MICHAEL, GREJNIEC, *A Que Sabe a Lua*, Editora Kalandraca, 2003.
- MOTA, ANTÓNIO, *O Livro dos Trava-Línguas 2*, Alfragide, Editora Gailivro, 2011.
- MOURO, MANUEL BARROS, *A Região de Lafões*, Coimbra, Coimbra Editora, 1996.
- NEVES, J.S. e LIMA, M.J., *Promoção da Leitura nas Bibliotecas Públicas*, Lisboa, MC, 2007.
- NUNES, H. B., *Da Biblioteca ao Leitor*, Braga, Barbosa e Xavier, Lda. - artes gráficas, 1998.
- OLIVEIRA, A. NAZARÉ, *A Rainha D^a. Amélia em São Pedro do Sul*, Viseu, Eden Gráfico SA, 1996.
- OLIVEIRA, A. NAZARÉ, *Termas de São Pedro do Sul*, Viseu, Editora Palimage, 2002.
- PENNAC, D., *Como um Romance*, Porto, Asa Editores, SA, 2006.
- PEREIRA, MANUEL CASTRO, *Memórias do Vale do Vouga*, Porto, Edição do autor, 2000.
- REBELO, C.A., *A Difusão da Leitura Pública*, Porto, Campo das Letras Editores SA, 2002.
- SACRISTÁN, J. GIMENO, *Educar e Conviver na Cultura Global*, Porto, Asa Editores, SA 2003.
- SACRISTÁN, J. GIMENO, *Educação Que Ainda É Possível*, Porto, Porto Editora, 2005.
- SOBRINO, J. GARCIA, *A Criança e o Livro*, Porto, Porto Editora, 2000.
- VIANA, FERNANDA LEOPOLDINA PARENTE, *Da Linguagem Oral à Leitura*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- VIANA, FERNANDA L. E TEIXEIRA, M. MARGARIDA, *Aprender a Ler da Aprendizagem Informal à Aprendizagem Formal*, Porto, Edições Asa, 2002.

VIEIRA, ALICE, *Livro Com Cheiro a Chocolate*, Lisboa, Texto Editores, 2005.

Referências Bibliográficas

Manifesto da Biblioteca Escolar

Orientações para a Criação de uma Rede de Catálogos Colectivos da Rede de Bibliotecas Escolares, Ministério da Educação, Lisboa, 2008

RS - Lançar a Rede das Bibliotecas Escolares, Ministério da Educação, Lisboa, 1996

VÁRIOS AUTORES, REVISTA CULTURAL DE CARIZ REGIONALISTA nº 1, *Terras de Lafões*, São Pedro do Sul, Tipografia Beira Alta, 2010.

VÁRIOS AUTORES, *Lafões - Terra e Gentes*, Edições Avis, 2008.

VÁRIOS AUTORES, *RS - Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*, Lisboa, 1996.

Webgrafia

<http://geo.sapo.pt>

http://microsites.juventude.gov.pt/Portal/Formacao/Formacaosenior/tic_senior.htm

www.cm-pvarzim.pt/

www.cm-beja.pt

www.ipj.pt